

— conexão — **Literatura**

Fanzine nº 09
Março / 2016

Entrevistas
Lançamentos
Livros

Distribuição Gratuita



*Autor de mais de
1.500 títulos*

O Papa da Pulp Fiction

R. F. Lucchetti



Os Ventos Sopram do Norte

Saiba como ler os primeiros capítulos
no Wattpad, pág. 16

Angelo Tiago de Miranda
comenta sobre o futuro do
livro e da leitura no Brasil,
pág. 17

**E mais: concorra ao livro autografado
“O Abominável Dr. Zola”, por R. F. Lucchetti**

SUMÁRIO

Editorial, por Ademir Pascale - pág. 03
Parceiros da Revista Conexão Literatura - pág. 04
Entrevista com R. F. Lucchetti – O Papa da Pulp Fiction - pág. 05
Publicidade: “Os Ventos Sopram do Norte”, pela patrocinadora MBlannco- pág. 16
Nem Digital, Nem físico, por Angelo T. Miranda - pág. 17
Publicidade: Antologia Sui Generis - pág. 19
Resenha: A Garota Sem Passado, por Caroline Marcolino - pág. 20
Resenha: Star Wars – Academia Jedi, por Igor Thiago - pág. 22
Publicidade: Livro “Pela Noite Eterna”, por Veronica Rossi - pág. 24
Entrevista com Isidro Sousa - pág. 25
Publicidade: Livro “A Garota Dragão”, por Licia Troisi - pág. 31
O Mundo de Tim Burton no Brasil, por Amanda Leonardi - pág. 32
Publicidade: “Ilustração com emoção”, por Tiburcio - pág. 34
Livro: “A Bíblia dos Pecadores”, por Isidro Sousa - pág. 35
Publicidade: “The Walking Dead – Invasão”, por Jay Bonansinga - pág. 37
Conto: “Antonio Spadoni”, por Ademir Pascale - pág. 38
Publicidade: Livro “O Sétimo Portal”, por Dione Souto Rosa - pág. 43
Conto: “A Cor da Morte”, por Misa Ferreira - pág. 44
Participe do sorteio e concorra a um livro autografado - pág. 45
Conto: “Beladona”, por Zoraya Cesar - pág. 46
Participe do sorteio e concorra a um livro autografado - pág. 48
Conto: “Um Presente Para Edna”, por Ricardo de Lohem - pág. 49
Conto: “Encontros e Desencontros”, por Wagner S. G. Azevedo - pág. 51
Conto: “A Mulher de Negro”, por Míriam Santiago - pág. 53
Conto: “Aventuras de Felicidade”, por Neyd Montingelli - pág. 55
Saiba como participar da próxima edição de Conexão Literatura - pág. 57

EXPEDIENTE

Ademir Pascale

Editor, capa e arte

Amanda Leonardi

Conselheira Editorial

Angelo Tiago de Miranda

Conselheiro Editorial

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse: www.fabricadeebooks.com.br/conexao_literatura.html

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição de Conexão Literatura, acesse: www.fabricadeebooks.com.br/midia_kit.html

EDITORIAL

Nessa nova edição de Conexão Literatura, trazemos algumas novidades: dentro de alguns dias estaremos com um site exclusivo e totalmente dedicado as nossas edições, mas já anotem o endereço: www.revistaconexaoliteratura.com.br. Outra boa novidade são os nossos parceiros (veja mais na pág. 04), são 32 sites, blogs e canais no Youtube apoiando nossas edições. Agradeço imensamente o apoio, pois todos saem ganhando, principalmente o público leitor ;)

Nessa edição trazemos a lenda do terror, o pai da pulp fiction no Brasil, o grande R. F. Lucchetti, escritor com mais de 1.500 títulos publicados, além de roteiros para filmes e quadrinhos.

Agora as nossas edições também terão resenhas e o leitor já poderá conferir duas, sendo "A Garota sem Passado", por Caroline Marcolino e "Star Wars - Academia Jedi", por Igor Thiago. Trazemos também uma entrevista com o escritor e editor português Isidro Sousa e um artigo assinado por ele sobre o livro "A Bíblia dos Pecadores", uma matéria super bacana assinada pela nossa conselheira editorial Amanda Leonardi, intitulada "O mundo de Tim Burton no Brasil", e outra elaborada

pelo nosso conselheiro editorial Angelo Tiago de Miranda, que comenta sobre o futuro dos livros e da leitura no Brasil. E como sempre, trazemos indicações de livros bem legais e duas promoções culturais, das quais os participantes



concorrerão a dois livros autografados: "As Mulheres Que Não Sabem Chorar", da autora Lilian Farias e "O Abominável Dr. Zola", do autor R. F. Lucchetti. Nos finais das páginas, o leitor poderá conferir contos elaborados pelos autores Ademir Pascale (eu), Misa Ferreira, Zoraya Cesar, Ricardo de Lohem, Wagner S. G. Azevedo, Miriam Santiago e Neyd Montigelli.

Para parcerias, patrocínios etc, escreva para: pascale@cranik.com e fale diretamente comigo.

Tenham uma ótima leitura e até a próxima edição que também será super especial.

Forte abraço!

Ademir Pascale

Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes "Nouvelles du Brésil", publicado na França pela editora Reflets d'Ailleurs. Publicou pela Editora Draco "O Desejo de Lilith" e "Caçadores de Demônios". Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs



revista

Conexão Literatura

literatura num só lugar

**Conheça os parceiros que fazem da
nossa revista um verdadeiro sucesso**

www.escrevarte.com.br

danirubim.wordpress.com

travelingbetweenpages.blogspot.com.br

tecapsycho.blogspot.com.br

www.livrosencantos.com

edai7.blogspot.com.br

mynerdbubble.blogspot.com.br

some-fantastic-books.com

www.epilogosefinais.com

www.thunderwave.com.br

viajandopelapaginas.blogspot.com.br

blog.vanessasueroz.com.br

rosasesangue.blogspot.com

www.umlivroenadamaais.com

blogaventuraliteraria.blogspot.com.br

www.sugestoesdelivros.com

lsnaufago.blogspot.com.br

www.caixasdsapato.blogspot.com

il-macchiato.com

papirodigital.com

virtualcheckin.blogspot.com.br

leituras-compartilhadas.blogspot.com

literaleitura2013.blogspot.com

retratosdamente.blogspot.com

www.estantedowilson.com.br

www.leituranossa.com.br

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.livreando.com.br

www.becoliterario.com

www.benoliveira.com

www.setecoisas.com

amagiareal.blogspot.com.br

Quer tornar-se nosso parceiro?
escreva para: pascale@cranik.com

Curta nossa Fanpage:

www.facebook.com/revistaconexaoliteratura



R. F. Lucchetti

O Papa da Pulp Fiction



“Eu usei diversos pseudônimos porque os editores não acreditavam num nome latino assinando histórias de Horror e Mistério.”

Rubens Francisco Lucchetti, nascido em 29 de janeiro de 1930, é um ficcionista, roteirista de filmes, fotonovelas e histórias em quadrinhos, articulista e desenhista. Conhecido como R. F. Lucchetti, é considerado o "Papa da Pulp fiction" no Brasil. Segundo Lucchetti, tudo começou aos 11 ou 12 anos, quando teve contato com duas edições da revista *Mistério*, da Editorial Lu. Já em 1948, iniciou atividades jornalísticas por 15 anos, tendo colaborado em todos os jornais de Ribeirão Preto, como: *Diário da Manhã*, *A Tribuna*, *A Cidade*, *O Diário*, *Diário de Notícias*, *A Palavra* e *O Globo*. Em 1960, passou a publicar artigos para os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Shopping News*, etc. No mundo dos quadrinhos, juntamente do ilustrador, desenhista e quadrinhista Nico Rosso, criou a conhecida *A Cripta*, *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*, *Zé do Caixão no Reino do Terror*, *A Sombra*, entre outras revistas.

Lucchetti passou os últimos 20 anos teclando em sua antiga máquina de escrever. Achando estar esquecido, acabou descobrindo o Facebook, o que o fez renascer e ser novamente publicado.

Leia a entrevista exclusiva que o Lucchetti gentilmente cedeu para nossa revista:

Conexão Literatura: Considerado um dos escritores mais importantes do mundo e com mais de 1500 títulos publicados. Tudo isso teve início quando você tinha 12 anos e teve contato com duas edições da revista *Mistérios* da Editorial Lu que trazia histórias do herói pulp O Sombra. Poderia comentar?

R. F. Lucchetti: Acho ridículo me considerarem “o maior escritor do mundo”. Isso soa à brincadeira. Nem me considero um escritor. Sempre afirmo que sou um ficcionista.

Primeiramente, eu tenho de falar que, na época, 1942 (então, eu morava em São Paulo, no bairro da Lapa), eu tinha apenas dois amigos: o Alcyr Rossi, que era sobrinho de uma vizinha; e o meu primo, Fúlvio Lugli, um exímio desenhista. Nossas conversas eram geralmente sobre Cinema. Inclusive, o Fúlvio e eu imaginávamos fundar uma produtora de desenhos animados. Ele até chegou a criar o logotipo e o nome da produtora: Fulbens.

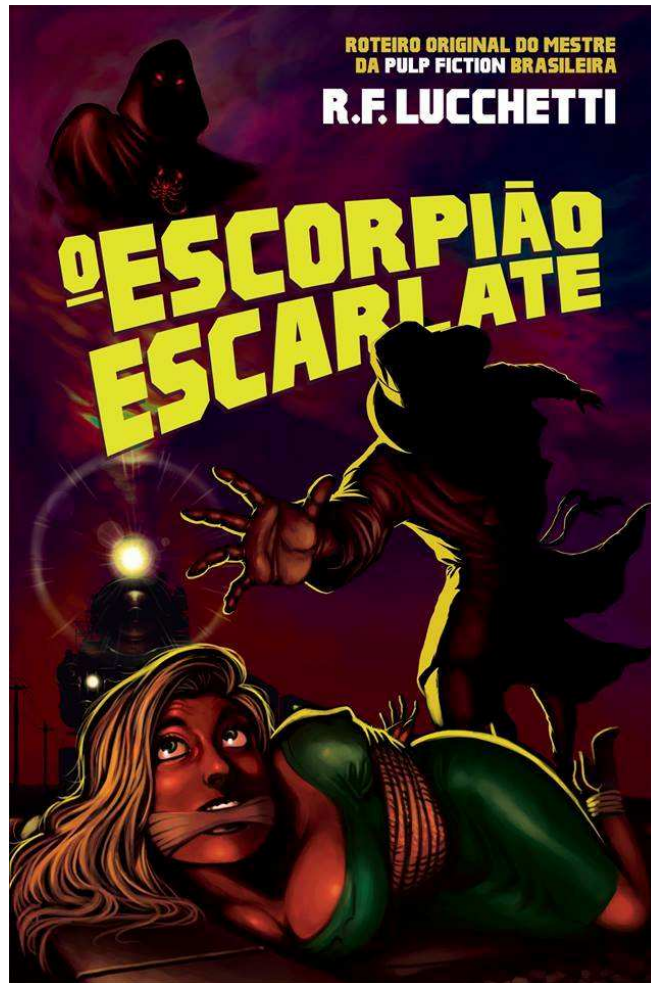
Quero dizer que foi por intermédio do Alcyr que descobri as revistas *pulp*. Aconteceu num sábado, em que fui visitá-lo. Ele morava numa casa de porão alto, na Rua Clemente Álvares, quase na esquina com a Doze de Outubro, no centro da Lapa. Lembro-me de que se entrava por um portão grande de madeira, que dava

num corredor largo. Alguns metros adiante, do lado direito, uma escada de cimento, com meia dúzia de degraus, conduzia até a porta de entrada. Foi exatamente na abertura sob essa escada que o Alcyr fez um gesto mágico, como

se fosse o Mandrake, e retirou dali uma caixa. Depois, tirou do interior da caixa duas revistas: uma *Mistérios*, com uma história de A Sombra; e uma *Detective*. Ele me presenteou com essas duas revistas, contribuindo inconscientemente para que eu me interessasse por um tipo de história que iria perseguir por toda a minha vida: a do *detective short story* (numa tradução literal, *história curta de detetive*), uma invenção tipicamente norte-americana.

Quando li a história de A Sombra, na *Mistérios*, foi uma surpreendente revelação. Seu autor, Maxwell Grant, tinha a

habilidade de criar imagens inesquecíveis, que até hoje não saem da minha mente. Criava também personagens marcantes, tanto pelos seus nomes quanto pelas suas descrições físicas. E, hoje, compreendo que Maxwell Grant (ou melhor, Walter Brown Gibson) foi o maior expoente da literatura *pulp*. Apenas lamento que suas histórias foram pessimamente traduzidas para o Português. E homenageei A Sombra/O Sombra na primeira versão do roteiro de *O Escorpião Escarlata*, criando O Morcego. E, por coincidência, esse roteiro foi lançado



recentemente num livro publicado pela Editora Laços.

Conexão Literatura: Qual foi a influência do escritor Edgar Allan Poe em seus contos?

R. F. Lucchetti: Em 1949, comprei numa livraria de Ribeirão Preto os três volumes de *Poesia e Prosa – Obra Completa*, que reúne os contos, os poemas e os ensaios de Edgar Allan Poe, traduzidos por Oscar Mendes e Milton Amado.

Publicados pela Livraria do Globo de Porto Alegre, esses três volumes constituíram-se, a partir de então, em minha leitura de cabeceira.

Se eu já era um grande apreciador de Poe (conheci-o por volta de 1940 e até 1949 só havia lido alguns poucos de seus contos em revista), minha admiração pela sua escrita aumentou ainda mais.

Acho importante dizer que, no que se refere a histórias fantásticas de Horror, não vejo no horizonte nenhum outro autor além de Poe. Ele é único!

Agora, quanto à influência de Poe em minha obra. Creio que devo a ele não saber escrever finais felizes. Raramente minhas histórias terminam bem e o trágico permeia aquilo que escrevo. E há uma história, *Rachel* (ela será publicada na *Coleção R. F. Lucchetti*), em que, a exemplo dos contos de Poe, o cenário (a casa e os objetos) terão um papel de destaque. Será uma história de clima.

Conexão Literatura: Você chegou a publicar usando diversos pseudônimos diferentes. Por quê?

R. F. Lucchetti: Eu usei diversos pseudônimos porque os editores não acreditavam num nome latino assinando histórias de Horror e Mistério, uma vez que esses gêneros não são muito cultivados em nosso país.

Percebendo isso, comecei a usar heterônimos, o que me possibilitou criar biografias e personalidades (às vezes, criando até fotos) para

os “*autores*”. Dessa forma, os meus textos eram uma ficção dentro de uma ficção. Era uma forma de criar balelas, porque a maioria dos leitores acreditava que aqueles “*autores*” realmente existiam o que me divertia. E entre esses leitores alguns pensavam que R. F. Lucchetti não existia. Isso me foi mais de uma vez relatado por editores e amigos participando de feiras literárias.

Conexão Literatura: Entre os 25 roteiros de filmes que você escreveu, qual mais lhe marcou e por quê?

R. F. Lucchetti: Penso que o meu melhor trabalho em Cinema foi o roteiro de *O Segredo da Múmia*, porque tive a felicidade de vê-lo filmado quase na íntegra.

Depois, o Ivan Cardoso, o diretor do filme, soube escolher um elenco perfeito. E destaco o trabalho dos atores Wilson Grey (parece-me que foi a primeira e única vez que ele protagonizou um filme), Clarice Piovesan (ela está perfeita no papel de Gilda, com sua fala lânguida, à la Marilyn Monroe), Anselmo Vasconcelos (ele conseguiu dar expressão à múmia, um ser que não tem expressão) e Tânia Bôscoli (ela interpretou dois papéis: a repórter Míriam, da Rádio Mundo; e a dançarina egípcia Nadja, a grande paixão de Runamb. Na verdade, a repórter é a reencarnação da Nadja). O Colé Santana fez uma aparição relâmpago no filme, mas marcante, em que contracenou com a exuberante Maria Zilda. Quero ainda falar de mais duas pessoas, que não são atores. A primeira delas é o maestro Julio Medaglia, que fez o papel de Rodolfo, o assistente do prof. Expedito Vitus (Wilson Grey). Ele está perfeito. Cínico e galanteador. O que foi surpreendente é a atuação do Felipe Falcão. Ele nos deixou há pouco tempo. O Felipe era advogado do Ivan (não entendo como o Ivan o escalou para participar do filme) e deu uma interpretação magistral ao papel do Igor, o criado fiel do prof. Vitus. Nem mesmo um grande ator profissional

interpretaria tão bem o personagem. Igor é o grande personagem da fita.

Conexão Literatura: Qual é a sua relação hoje com José Mojica Marins, o Zé do Caixão?

R. F. Lucchetti: Minha relação com o sr. José Mojica Marins foi sempre cordial. Mas chega o momento em que cada segue o seu próprio caminho. Foi o que aconteceu conosco.

O sr. Mojica possibilitou-me concretizar uma série de trabalhos que eu imaginava um dia poder realizar. Por isso, sou eternamente grato a ele.

Conexão Literatura: Juntamente do ilustrador, desenhista e quadrinhista Nico Rosso, você criou a revista "A Cripta". Conte pra gente como isso teve início e qual foi a repercussão da revista ao longo dos anos.

R. F. Lucchetti: Foi em 1966, após minha mudança para a cidade de São Paulo, que o desenhista Nico Rosso e eu iniciamos uma parceria que durou até fevereiro de 1972. No início de nossa parceria, realizamos algumas histórias em quadrinhos avulsas, que, feitas por encomenda e com o propósito único de preencherem as páginas de diversas revistas de quadrinhos de Horror/Terror da Editora Taika, não nos agradaram nem um pouco. Essas histórias em quadrinhos, cujos enredos eram por demais comuns, estavam muito aquém do que pretendíamos realizar. Nossa intenção era renovar o Horror nos quadrinhos brasileiros,

uma vez que achávamos que o gênero estava bastante desgastado. Além disso, o Nico sempre me dizia que devíamos criar uma revista só nossa. Uma revista em que fôssemos autores e editores. Mas devo confessar que não foi nada fácil concentrarmos nosso pensamento e nossos esforços nesse empreendimento, em razão de trabalharmos muito e não dispormos de tempo livre. Assim, foi somente depois de uma longa gestação que nasceu *A Cripta*.

Primeiramente, pensamos o conteúdo dessa revista, que seria para nós uma publicação experimental. Nela, colocaríamos tudo aquilo que imaginávamos em matéria de horror em quadrinhos. Logo de início, ficou decidido que ela deveria ter um personagem fixo, protagonista de uma narrativa longa, seriada e realizada de modo a contar um episódio completo, com começo, meio e fim, em cada número. Já que sempre fui fascinado pelo tema do vampirismo, imaginei, de imediato, que esse

personagem deveria ser um vampiro e batizei-o com o nome de Nosferatu. Além da série *Nosferatu*, a revista teria histórias em quadrinhos curtas e uma novidade: frases de autores célebres abordando o fantástico. Essas frases seriam selecionadas por mim e viriam acompanhadas de uma ilustração do Nico. Uma vez esquematizada a revista, faltava-nos o principal: o título para ela. E esse título não surgiu com facilidade. Demorou. Os dois primeiros números já estavam inteiramente desenhados, mas não tínhamos ainda



encontrado um nome adequado para a revista. Então, num sábado de 1968, apareceu em minha casa, na Rua Catumbi, no Brás, um amigo do Rio de Janeiro, o Cosme Alves Netto, que era membro de um cineclubes que só exibia filmes de Horror e cujo nome era *sui generis*: *A Cripta*. Durante nossa conversa, pedi ao Cosme a autorização para usar esse nome como título da nossa publicação. Ele autorizou; e, na manhã da segunda-feira seguinte, levei a novidade ao Nico. Ele gostou do título e fez um esboço do logotipo da revista: um retângulo de cerca de 23 x 6,5 cm e com as palavras *A Cripta* escritas como se fossem esculpidas nas pedras de um mausoléu adornado com musgos e teias de aranha. A partir daí, o Nico concentrou-se na criação das duas primeiras capas. Com os dois primeiros números prontos, fomos conversar com Manoel Cesar Cassoli, diretor responsável da Taika, para lhe propor a publicação de *A Cripta*. O Manoel nos recebeu em sua sala. Então, o Nico, com toda a calma, retirou um pacote enorme de dentro da pasta que havia trazido e entregou-o ao Manoel, que, intrigado, olhou para nós. Em seguida, enquanto o Manoel desembulhava o pacote, fiquei encarando-o, para saber sua reação. Primeiro, apareceu a capa. Percebi que as pupilas do Manoel se dilataram. Dali em diante, o Manoel foi vendo página por página, como se estivesse abrindo a arca de um tesouro incalculável. Entretanto, como acontece em todas as histórias, havia um “porém”. E o “porém”, no nosso caso, era o formato de *A Cripta*, que era totalmente diferente do formato das demais revistas de quadrinhos publicadas na época. Dessa maneira, as máquinas impressoras não estavam adaptadas para o formato da nossa revista. Isso era um grave problema. No entanto, fomos taxativos: “Ou *A Cripta* é publicada da forma que planejamos, ou iremos oferecê-la para outra editora.” O Manoel pediu algum tempo para pensar e dar-nos uma resposta. Em razão de sermos praticamente colaboradores fixos da

Taika, concordamos. E uns seis meses depois dessa nossa visita, vimos, enfim, a concretização do nosso sonho: o lançamento do primeiro número de *A Cripta*.

Quando vi o primeiro número de *A Cripta* nas bancas de jornal, senti um misto de revolta e decepção. Tinham-no impresso num papel de péssima qualidade, incluído dois anúncios em seu miolo e publicado a frase do autor célebre sem o título da seção, “Antologia”. São detalhes que podem parecer insignificantes, mas eles me irritaram. Porque sempre gostei de ter minhas ideias respeitadas na íntegra. Além do mais, *A Cripta* fora imaginada com todo o carinho, quadrinho por quadrinho, página por página. Portanto, era inadmissível que um produtorzinho qualquer de gráfica se transformasse, de repente, em “nosso colaborador”. O Nico procurou acalmar-me – o que não foi fácil – e explicou ao Manoel o acontecido. Isso pouco adiantou, pois o segundo número, apesar de publicar a seção “Antologia” com seu título, ainda tinha um anúncio em suas páginas internas e foi impresso no mesmo papel de péssima qualidade. Em seus cinco números, *A Cripta* apresentou inúmeros erros. Assim, só poderíamos deixá-la de lado e criamos outra revista, *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*, cuja publicação, semelhante à de *A Cripta*, foi uma verdadeira odisséia.

Até hoje, encontro pessoas (muitas delas professores universitários) que se lembram com saudosismo de *A Cripta* e dizem que ela foi uma das melhores publicações de Horror em quadrinhos que saiu no Brasil.

Conexão Literatura: Poderia comentar sobre as revistas pulp: Série Negra, Aventura e Mistério e Mistérios?

R. F. Lucchetti: Nos anos 1930, circulavam em nosso país algumas publicações que foram a versão nacional de uma invenção genuinamente norte-americana e que ficou conhecida como *pulp magazine*.

O termo *pulp magazine* é usado para designar publicações impressas num papel de qualidade inferior, áspero e fabricado com polpa de madeira praticamente sem refinar (a cor desse papel assemelha-se à da madeira descascada). Essas revistas, condenadas pelos educadores e ignoradas pelos críticos, surgiram nos Estados Unidos em 1896, tiveram seu apogeu na década de 1930 e desapareceram há muitos anos; mediam 14 x 19,5 cm; tinham entre 116 e 164 páginas (a maioria delas tinha 132 páginas); exibiam capas sensacionalistas; e, geralmente, publicavam sete pequenas histórias e uma novela com cerca de setenta a oitenta mil palavras. Algumas circulavam semanalmente; outras, quinzenalmente ou mensalmente (o objetivo dos editores era ter sempre as bancas de jornal abarrotadas com o maior número de títulos e de exemplares).

Existiam *pulps* de todos os gêneros:

Amor, Aventura, Guerra, *Western*, Ficção Científica, Horror/Terror, Detetive & Mistério. Havia até *pulps* com histórias sobre esportes. As *pulps* tinham um custo editorial bastante reduzido, devido a serem impressas em papel inferior (durante a Segunda Guerra Mundial, a qualidade do papel piorou ainda mais, em virtude da escassez de matérias-primas) e terem poucas ilustrações. Isso as diferenciavam dos grandes magazines da época (*Collier's*, *The Saturday Evening Post*, *The New Yorker*). Mas compensavam essa deficiência custando barato

(custavam entre dez e 25 centavos de dólar; algumas, poucas evidentemente, eram vendidas por apenas cinco centavos de dólar) e apresentando narrativas inéditas, escritas de forma a empolgar os leitores (de maneira geral, as cenas descritas se sobrepunham aos enredos das histórias) e que versavam a respeito dos mais variados temas. Na verdade, não existia ambiente ou temática que as *pulps* não explorassem; e nenhum editor recusava um

original, por mais mirabolante e incongruente que fosse a história.

E as *pulps* foram criadas para ser a leitura de um público de baixo poder aquisitivo e que buscava um meio de entretenimento à altura de suas posses. Logicamente, naquele tempo (falo dos anos 1930), com uma arte cinematográfica ainda jovem (apesar de já estar em franca expansão) e não existir ainda a tevê, as *pulps*, junto com as histórias em quadrinhos e os seriados de rádio, atraíram o interesse das massas, que precisavam de distrações baratas.



Com relação às revistas *pulp* publicadas no Brasil na década de 1930... Eram elas: *Suplemento Policial em Revista* (a partir do número 61, lançado em 8 de fevereiro de 1942, passaria a chamar-se apenas *Policial em Revista*), *Contos Magazine*, *Detective*, *Misterios* (a grafia era assim mesmo, sem acento no “e”), *Lupin* e, entre outras, *Sherlock*.

Nos anos 1940 – para ser mais preciso, na primeira quinzena de junho de 1941 –, surgiu aquela que se tornaria a decana das revistas *pulp* brasileiras: *X-9* (seu último número,

o 660, chegou às bancas de jornal em janeiro de 1970).

À X-9, seguiram-se diversas outras revistas, dentre as quais, posso destacar: *Meia-Noite*, *Suspense* (era a versão brasileira de *Alfred Hitchcock's Mystery Magazine*), *Contos de Mistério*, *Emoção* e *Agentes da Lei*. E o último magazine *pulp* brasileiro foi *Ação Policial*, lançado em 1985 pela Editora Morumbi, uma subsidiária da Editora Abril. Ele teve uma existência muito curta: foram publicados apenas dois números. Fui leitor e colecionador de todas as *pulps* brasileiras. E, a partir da segunda metade da década de 1940, comecei também a frequentar suas páginas, como colaborador. Então, era raro o mês em que não publicavam um texto meu. Até que meu nome – invariavelmente grafado de forma errada (isso me deixava profundamente irritado, porque nomes de outros autores, com grafia mais complicada, não erravam nunca) – passou a aparecer também nas capas.

Depois, quando quase todas essas revistas já haviam desaparecido das nossas bancas de jornal, criei minhas próprias *pulps*. A primeira foi *Série Negra*, à qual se seguiram *Aventura e Mistério* e *Mistérios*.

Como sempre me recusei a trilhar os mesmos caminhos deixados por aqueles que me antecederam, eu queria que cada uma delas tivesse uma característica própria e que fossem diferentes de tudo aquilo que havia sido publicado, até então, no Brasil em matéria de magazine *pulp*. Enfim, elas tinham de ser originais e, ao mesmo tempo, conservarem as características das *pulps*. Portanto, não foi nada fácil criá-las e produzi-las.

SÉRIE NEGRA

Dei esse título à revista em homenagem à *Série Negra*, uma coleção de livros de Detetive & Mistério que a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, publicou entre 1934 e 1938. Publicada por uma pequena editora de São

Paulo, a Saber S/A – Expansão Industrial e Comercial da Cultura, minha *Série Negra* tinha 68 páginas (incluindo as capas) e formato de bolso (13 x 18,5 cm). Saíram só dois números. E, neles, incluí dois contos de amigos meus: “Encontro Marcado”, de Geraldo Maia Campos, professor do Departamento de Odontologia da USP de Ribeirão Preto; e “Terror no Museu de Cera”, do roteirista e desenhista de histórias em quadrinhos Gedeone Malagola. O restante – testes, curiosidades e demais contos – foi escrito por mim; porém, assinei com nomes diferentes, para dar a ideia de que a publicação tinha muitos autores/colaboradores. As ilustrações ficaram a cargo de Nico Rosso, Eugênio Colonnese, Osvaldo Talo, Mário Sílvio Cafiero e Luís Meri.

“Quando se pensa um instante na confusão crescente e nos problemas múltiplos e angustiosos que atormentam o homem dos nossos dias, a utilidade, ou melhor, a necessidade de uma revista como esta que hoje lançamos se faz necessária. Porém, não julgue o leitor que pretendemos apresentar SÉRIE NEGRA como uma porta de evasão dos problemas modernos, um anestésico para as múltiplas angústias. Isso seria uma aspiração pretensiosa, por um lado, e pernicioso, pelo outro, porque ainda julgamos que a melhor maneira de alguém livrar-se dos problemas é encará-los de frente, a fim de enfrentá-los e vencê-los. Não, o papel que escolhemos é mais modesto e também mais prático e útil. SÉRIE NEGRA quer ser apenas uma ilha nas preocupações cotidianas, uma ilha portátil que se poderá levar comodamente no bolso, para reduzir a alguns minutos a meia hora de espera numa fila, para encurtar as distâncias numa viagem de ônibus ou de trem, para transformar num tranquilo week-end a exausta conclusão de um dia de trabalho. Norteados por esse propósito, demos à SÉRIE NEGRA um formato prático e procuramos fazer uma seleção criteriosa de contos de mistério, emoção, impacto, intriga. Se tal objetivo não foi conseguido no grau de perfeição, resta-nos, todavia, a serenidade de ter trabalhado arduamente para esse fim.

Aguardamos a palavra final, que será dada por você, leitor. Escreva-nos, criticando e sugerindo.”
 “Apresentação” do primeiro número de *Série Negra*

Hoje, examinando os dois números publicados, chego à conclusão de que *Série Negra* poderia ter tido uma longa existência. E, se isso não aconteceu, é porque a Saber era uma editora que não estava preparada financeiramente para ter publicações mensais. Houve um hiato de quatro meses entre o lançamento do primeiro número (datado de fevereiro de 1969) e o segundo (datado de julho de 1969). A falta de periodicidade é fatal para qualquer publicação.

AVENTURA E MISTÉRIO

Saiu um único número, lançado em 1969 pela Saber. Tinha 36 páginas (incluindo as capas), e seu formato era 17,5 x 26,5 cm. Publicou, a exemplo da *Série Negra*, testes curiosidades e contos, além de uma novela, “Amizade de Gangster”, escrita no estilo das histórias do magazine *pulp Black Mask*. Para realizá-la, contei com a colaboração dos desenhistas Osvaldo Talo (a capa, apresentando uma fotomontagem, foi feita por ele) e Luís Meri.

“Muitos leitores nos escrevem dizendo que as histórias que publicamos em SÉRIE NEGRA têm um novo sabor, uma dose consciente de realismo, um forte senso

humano – enfim, são histórias diferentes. Isso vem demonstrar que estávamos no caminho certo ao afirmar que o grande público gostaria de receber também grandes histórias, se estas lhes fossem bem apresentadas e escritas em linguagem despreziosa e sem sofisticações. (...) E tal é a procura de boas histórias por parte do grande público que decidimos criar uma nova revista: AVENTURA E MISTÉRIO. Esta se diferenciará bastante de SÉRIE NEGRA; mas temos certeza de que virá ao encontro dos desejos de nossos

leitores, ávidos por aventuras movimentadas. E iremos dar-lhes isso numa revista com páginas bem impressas e repletas de ilustrações que a tornarão ainda mais atrativa.”

Trecho da “Apresentação” de *Aventura e Mistério*



Em *Aventura e Mistério*, eu desejava que as ilustrações se integrassem ao texto. Ou seja: as ilustrações deveriam quase sempre ser colocadas quando havia um diálogo entre dois ou mais personagens; e, semelhante ao que

ocorre nas histórias em quadrinhos, a fala de um dos personagens estaria dentro de um balão (logicamente, essa fala deveria ser eliminada do texto). Entretanto, o diagramador não seguiu minhas instruções e colocou as ilustrações onde bem quis. Imaginei que, no número seguinte, esse erro não se repetiria...

MISTÉRIOS

Lançada em janeiro de 1969, a revista *O Estranho Mundo de Zé do Caixão* tornou-se, em poucos meses, um autêntico fenômeno editorial. E, ao

perder para a incipiente Editora Dorkas o direito de publicá-la, a Editora Prelúdio entrou numa crise financeira sem precedentes na sua história. Tudo porque seus diretores, os srs. Armando Augusto Lopes e Arlindo Pinto de Souza, tinham comprado uma grande quantidade de um papel especial – de alta qualidade e muito branco, esse papel só era usado para imprimir *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*; as demais publicações da Prelúdio eram impressas num papel inferior e até mesmo em papel de jornal –, a fim de não serem surpreendidos com sua falta e colocarem em risco a periodicidade da revista. Endividados e com o depósito e demais dependências da editora repletos de enormes bobinas de papel, os srs. Armando e Arlindo me pediram (eu era o coordenador de publicações da Prelúdio) que criasse o mais rápido possível várias revistas, pois “*precisavam faturar e dar um fim em tanto papel*”. Uma das revistas que criei foi a *Mistérios*. E, por desejar que a *Mistérios* não tivesse o mesmo destino infeliz da *Série Negra* e *Aventura e Mistério*, logo que a imaginei, cheguei à conclusão de que ela não deveria ter o visual envelhecido e desgastado das *pulps*. Deveria, sim, apresentar uma paginação dinâmica, cheia de inventividade. A ideia básica era criar uma paginação que fosse, antes de tudo, um convite à leitura. Não deixava de ser um projeto ambicioso e nada fácil de executar. Principalmente porque eu dispunha de poucos recursos financeiros para executá-lo. Mas, como gosto de desafios, apresentei o projeto aos srs. Armando e Arlindo, que disseram simplesmente: “*Você tem carta branca, desde que não coloque muito dinheiro nisso.*” Foi conversando com o Jean Silva, que eu conhecia devido ao meu trabalho com o sr. José Mojica Marins, que imaginei que os textos da *Mistérios* deveriam ser “*ilustrados*” com fotos, ao invés das tradicionais ilustrações. Isso seria uma maneira arrojada de diferenciar a revista dos demais magazines *pulp*.

Então, o Jean, que, na época, fazia estágio no estúdio fotográfico do fotógrafo de cena do Mojica, Luiz Fidélis Barreira, me disse que se encarregaria de me fornecer as fotos. Quanto à diagramação da revista, ela foi feita por mim, contando com o auxílio do Mário Sílvio Cafiero (ele era Diretor de Arte da Prelúdio). A editora me fornecia unicamente as provas em papel cuchê para que eu fizesse o peistape.

Saíram apenas três números da *Mistérios* (o primeiro deles chegou às bancas de jornal no final de 1969), que além dos contos escritos por mim, publicaram também histórias de escritores consagrados (John Collier, Anthony Abbot, Lord Dunsany, entre outros) e apresentou dois autores brasileiros, os amigos Geraldo Maia Campos e Berta Stark, que nada receberam por suas colaborações.

Poucos dias depois do terceiro número da *Mistérios* ter sido lançado, os srs. Armando e Arlindo contrataram um conde italiano, Gaetano Gherardi (entre outras coisas, ele havia sido diretor do núcleo de São Paulo da TV Globo e trabalhara algum tempo na revista *Intervalo*, da Editora Abril), para tentar reverter a crise econômica da Prelúdio, que se agravava.

A primeira medida do Gherardi foi aumentar o formato da *Melodias*, uma revista especializada em Rádio, Música, Cinema e Televisão (em cada número, ela publicava também uma fotonovela), e tornou-a semanal (antes, ela era publicada mensalmente). E, como medida de economia, suspendeu a publicação da *Mistérios*, cujo quarto número estava pronto para ser impresso. Ao tomar conhecimento de que a *Mistérios* deixaria de ser publicada, fui falar com o sr. Arlindo, que era com quem eu tinha mais intimidade. Disse-lhe, então, que estavam agindo precipitadamente. Pedi que esperassem pelo menos a prestação de contas da distribuidora, já que a nossa revista “*estava mexendo com o comportamento do tradicional Mistério Magazine de Ellery Queen*”. Porém, o sr.

Arlindo foi categórico, alegando que o Gaetano Gherardi tinha assumido a direção editorial da *Prelúdio* com plenos poderes. Não pude contestar aquelas palavras. E, embora estivesse completamente desmotivado, tive de aceitar as incumbências que me foram dadas pelo Gherardi: coordenar a revista *Melodias*, para a qual teria ainda de escrever um conto romântico por semana; e ir pensando numa publicação para homens. Não era bem isso o que eu almejava; entretanto, tinha família para sustentar. E, com a finalidade de aumentar um pouco mais a minha renda, assumi a direção editorial da revista *Projeção* (seu diretor responsável era o sr. J. B. Menezes Ladessa), publicada pela Projeção Editora e cujo público alvo eram os exibidores. A comprovação de que eu tinha razão só aconteceu quando, uns três meses mais tarde, chegou às mãos dos srs. Armando e Arlindo a prestação de contas da Distribuidora Lamana, que era responsável pela distribuição das publicações da *Prelúdio*. Ainda que a periodicidade da *Mistérios* fosse irregular, o índice de vendas da revista subia a cada edição, sendo que do terceiro número havia sido vendido mais de setenta por cento de sua tiragem de dez mil exemplares, provando que, com sua precipitação, os diretores de *Prelúdio*, haviam “*assassinado*” uma revista que poderia ter lhes trazido muito lucro.

Conexão Literatura: Em 2014, a Editorial Corvo lançou a Coleção R. F. Lucchetti, sendo

o primeiro título da coleção *As Máscaras do Pavor*. Quais são os outros títulos de sua autoria que serão publicados pela editora?

R. F. Lucchetti: A *Coleção R. F. Lucchetti* será composta de quinze volumes. Cada um deles enfocando um tema específico do Horror, do Suspense, do Mistério e do Fantástico.

Os quinze títulos e seus respectivos temas serão:
1 – *As Máscaras do Pavor* (já publicado) – o *thriller* (na história, tudo é um jogo de aparências, em

que nada é o que parece ser);

2 – *O Museu dos Horrores* (já publicado) – os monstros do Cinema (o Lobisomem, Drácula e o Monstro de Frankenstein);

3 – *O Abominável Dr. Zola* (já publicado) – o cientista maluco;

4 – *Os Amantes da Sr. Powers* (possivelmente, será lançado em maio deste ano) – o *Noir*, em que proliferam as narrativas repletas de reviravoltas;

5 – *Os Olhos do Vampiro* – o vampirismo;

6 – *O Emissário de Satã* – o satanismo;

7 – *Gênesis, Depois do Fim* – a ficção científica apocalíptica;

8 – *No Domínio do Mistério* – o misticismo;

9 – *Rachel* – as mulheres-vampiros;

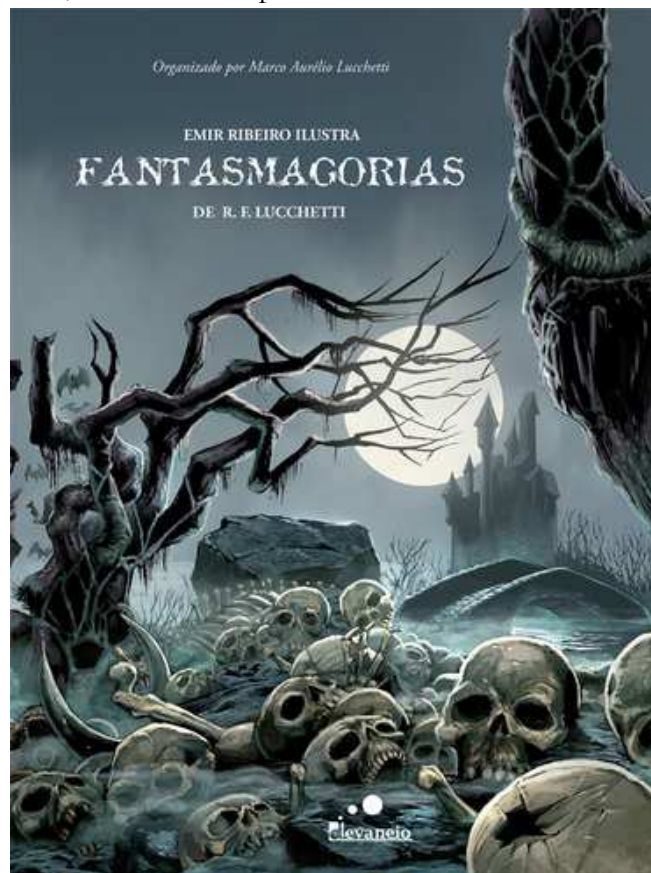
10 – *Cherchez la Femme! (Procure a Mulher!)* – as *femmes fatales*;

11 – *Uma Loura à Janela* – os detetives particulares;

12 – *Nasce uma Lenda* – Rei Arthur e Merlin;

13 – *O Fantasma da Prima Lavínia* – os fantasmas;

14 – *Camille Coedel, A Filha das Trevas* – a bruxaria;



15 – *O Fantasma de Greenstock* – o gótico.

Conexão Literatura: Hoje, qual é a importância da internet e das redes sociais em sua vida?

R. F. Lucchetti: Sempre fui uma pessoa contra o computador. Não queria nem saber de *internet*. Nunca simpatizei com máquinas. A única máquina que entrou em minha vida e nunca mais saiu é a máquina de escrever. Então, em outubro de 2014, por imposição dos meus atuais editores, criei uma página no *facebook* (eu nem sabia o que era isso) e passei a ter um *site*. A partir daí, abriu-se uma nova porta em minha vida. E eu entrei por essa porta e vi-me num novo universo. Um universo em que, a cada dia, acontece-me uma nova surpresa. Hoje, eu, que me imaginava sozinho, conto com mais de duas mil e quinhentas pessoas amigas no *facebook*. E algumas dessas pessoas parece que conheço desde a infância. E, quase toda semana, tenho sido visitado por pelo menos um desses meus amigos, que me mimam como se eu fosse um bebê e me mandam os mais diversos presentes, que não me lembro de ter recebido nem mesmo dos meus familiares.

Estou vivendo talvez o mais importante momento de minha vida. E aproveito a ocasião para agradecer, uma vez mais, as palavras de carinho e incentivo que minhas amigas e meus amigos me enviam todos os dias. Gostaria de

agradecer pessoalmente a todos, mas isso é humanamente impossível.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

R. F. Lucchetti: Dentre os projetos que pretendo realizar, há um livro que estou escrevendo a quatro mãos com meu filho, Marco Aurélio. Intitula-se *As Mortas-Vivas do Lago Maldito* (é um título provisório) e tem como tema os zumbis.

Perguntas rápidas:

Um livro: *Rubáiyát*, de Omar Khayyam;

Um (a) autor (a): Edgar Allan Poe;

Um filme: *Escola de Sereias*, dirigido por George Sidney;

Um dia especial: O dia que conheci aquela que seria minha esposa.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

R. F. Lucchetti: Desejo à *Conexão Literatura* uma longa existência, pois veículos como esse estão cada vez mais raros num país como o nosso, cujo povo não tem o hábito de ler.

Quero também agradecer esta oportunidade que me deram para poder expressar meu pensamento.

Acesse o site do autor: www.rflucchetti.com.br

Os Ventos Sopram do Norte

MBlannco

Um invento extraordinário, capaz de alterar a História.
Uma explosão no centro de Paris.
O inexplicável suicídio de um importante cientista.
Uma heroína solitária assombrada pela morte.
Um pecador arrependido em busca de redenção.
Contrabandistas, traficantes, assassinos e uma vilã apaixonante.
E um manuscrito cobiçado por muitos.
De que forma esses fatos estariam ligados?
E por que anjos da luz e das sombras caminham entre os mortais?
Acompanhe esta aventura ao redor do globo e descubra por que, num
Universo alternativo, tão distante de nossa realidade, a humanidade
também caminha para o segundo conflito mundial.
Romance, ação, mistério, suspense e muitas surpresas em Os Ventos
Sopram do Norte!

Breve disponível na Amazon.

**Curioso? Leia os primeiros capítulos
no Wattpad!:**

www.wattpad.com/user/MayaBlannco

Booktrailer:

www.youtube.com/watch?v=gmhRIV8tuwk

Nem digital, nem físico

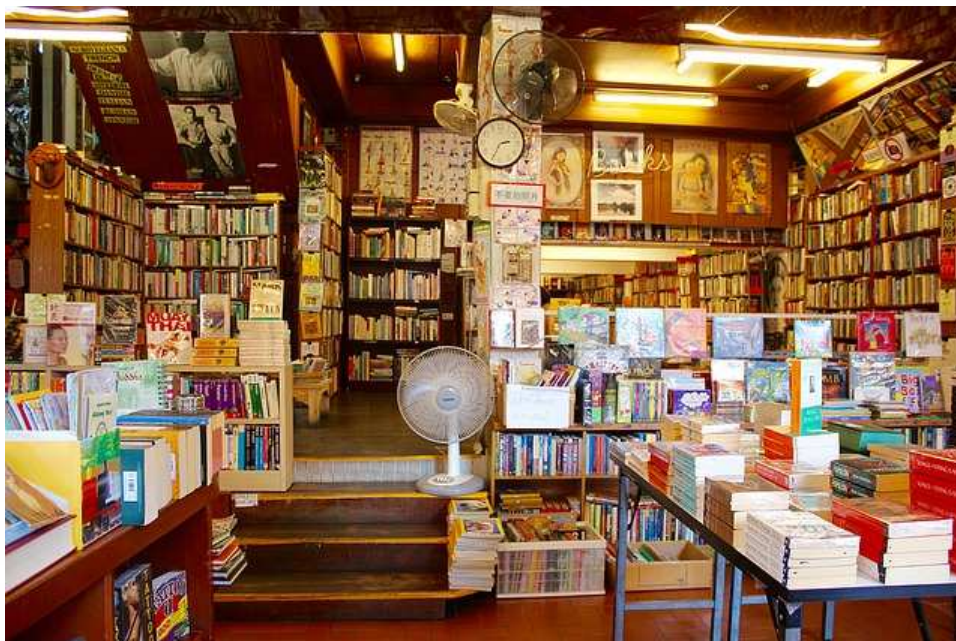
Ao tomarmos ciência de algumas estatísticas que nos chegam de vez em quando pela imprensa, como se ela quisesse sempre nos lembrar do nosso subdesenvolvimento (sim, para alguns analistas somos considerados subdesenvolvidos, já para outros somos um país em desenvolvimento, um emergente, para usar um termo mais em voga), é que chego, tem horas, a temer pelo futuro do Brasil em vários aspectos, principalmente em relação à leitura.

Estatísticas que enchem manchetes e ajudam a vender jornal, tais como “Uma em cada cinco crianças de oito anos não sabe ler frases, diz MEC”, “No ensino superior, 38% dos alunos não sabem ler e escrever”, “Brasil é o 8º país com mais adultos analfabetos do mundo”, entre tantas, nos fornecem indícios para uma análise, mesmo que incipiente, da nossa condição de um país que devido à imensa dificuldade com a alfabetização, se torna um país não leitor e que, portanto, não valoriza o livro, seja ele físico ou digital.

A educação foi relegada para poucos desde a nossa colonização. Para se ter uma ideia, o país só conseguiu universalizar o acesso ao ensino fundamental - embora ainda temos

vergonhosamente mais de 730 mil crianças e jovens fora da escola - décadas atrás.

Vencido aparentemente esse desafio, outro se estabeleceu. Acredito que muito mais difícil que o anterior: tornar o ensino melhor, com mais qualidade. Claro que isso passa também por uma alfabetização melhor.



Temos uma enorme geração de brasileiro(a)s que não tiveram uma educação de qualidade ou nem acesso à educação tiveram. Muitos até pararam de

estudar. Com uma formação capenga cheia de deficiências, não conseguem ler adequadamente e quando conseguem poucas linhas, não entendam. Acham até o livro um objeto importante, mas não o valorizam, principalmente por não conseguirem entendê-lo. Como irá incentivar os seus filhos a lerem se os pais não conseguem ler e não dão valor aos livros? A “maldição” acaba por se perpetuar.

Existe ainda uma grande quantidade de brasileiro(a)s que não leem livros. Na última pesquisa do Instituto Pró-Livro chegou-se ao número de quatro livros lidos durante o ano, sendo dois pela metade (e olhe lá) e dois inteiros. Calcula-se como leitor, alguém que leu nos últimos três meses apenas um livro.

Também se calcula que o Brasil tenha por volta de 88 milhões de leitores num universo de mais de 200 milhões de brasileiros, logo, os leitores formam no país uma espécie de seita, como bem caracterizou, certa vez, o escritor paulista Marçal Aquino.

Você que pensa em publicar um livro, seja ele físico ou digital, saiba que entrará num mercado restrito de leitores e que precisará, portanto, se dedicar muito para que o seu livro consiga acessar essa “seita”. A tarefa é árdua, mas tomar isso como desculpa para não trabalhar por seu livro fará de você mais um escritor reclamão que culpa o fracasso das vendas pela situação do país nos mais diferentes níveis: de renda, de educação, de acesso à Cultura entre outros.

Muito trabalho tem sido feito em prol da educação brasileira. Sem dúvida que há um esforço para a melhora dela. Hoje há programas governamentais de compra de livros de

literatura, esforços para a criação e a manutenção de bibliotecas nas escolas públicas, eventos literários regionais (fora das grandes capitais, que levam cultura, arte e literatura para a população que não tem acesso a tudo isso), pactos firmados pelos governos para erradicação do analfabetismo, pactos de alfabetização na idade certa, entre outros.

Não tenho dúvida que um futuro promissor para o livro e para a leitura se avizinha com a melhora da educação e conseqüentemente com a melhora na alfabetização e do nível intelectual do brasileiro, mas em se tratando de educação, os seus resultados aparecem sempre em longo prazo, portanto, teremos que aguardar para vermos um país de leitores. Enquanto isso não acontece em sua plenitude, você que é escritor, vá a campo em busca de encontrar os seguidores dessa “seita de leitores” que existe no Brasil. Com certeza vai conseguir encontrar vários. Boa sorte nessa busca!

Angelo Tiago de Miranda nasceu em São Paulo, Capital, em 1983. Graduado em Geografia pelo UNIFIEO e em Pedagogia pela UNESP, atua como professor de Geografia, autor de material didático e como professor alfabetizador de Jovens e Adultos. Possui textos publicados em diversas antologias, sendo, algumas, frutos de concursos literários. Publicou em 2014, pela Ar Editora, o seu primeiro livro solo “Análise Mortal”. Mais informações: www.angelomiranda.com.br / angelotmiranda@gmail.com.

Antologias Sui Generis

Compre livros Sui Generis
Participe nas Antologias Sui Generis
Seja um Autor Sui Generis

LETRAS.SUIGENERIS@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/LETRAS.SUIGENERIS
LETRAS-SUIGENERIS.BLOGSPOT.PT
ISIDELIRIOS.BLOGSPOT.PT

A BÍBLIA DOS PECADORES

DO GÊNESIS AO APOCALIPSE

ANTOLOGIA DE TEXTOS LITERÁRIOS
INSPIRADA EM EPISÓDIOS BÍBLICOS

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO:
ISIDRO SOUSA



NINGUÉM LEVA A MAL



VENDAVAL DE EMOÇÕES

APECTOS E DESAPECTOS



O Beijo do Vampiro

ANTOLOGIA DE CONTOS
VAMPIRESCOS

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO:
ISIDRO SOUSA

SUI GENERIS

SUBMISSÃO DE TEXTOS
ATÉ 31 DE MARÇO

SUBMISSÃO DE TEXTOS
ATÉ 15 DE MARÇO

letras.suigeneris@gmail.com
facebook.com/letras.suigeneris
letras-suigeneris.blogspot.pt

ANTOLOGIA DE CONTOS ASSOMBROSOS
ORGANIZAÇÃO ISIDRO SOUSA
LETRAS SUI GENERIS

SEXTA-FEIRA 13

MITOS E SUPERSTIÇÕES



OS VIGARISTAS

LETRAS.SUIGENERIS@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/LETRAS.SUIGENERIS
LETRAS-SUIGENERIS.BLOGSPOT.PT
ISIDELIRIOS.BLOGSPOT.PT



Resenha A Garota Sem Passado

Imaginava algo totalmente diferente sobre o enredo desse livro. Pensei que seria no estilo da obra "É melhor não saber", que eu adorei. Lendo a sinopse achei que teríamos a história de uma garota fugindo do seu pai, que assassinou sua mãe quando ela era criança, até que a garota resolve enfrentá-lo e tentar prendê-lo.

Ocorre que não foi bem assim. Ramsey Miller foi acusado de assassinar a mulher e a filha em 22 de setembro de 1991, porém o que ninguém sabe é que Meg Miller sobreviveu e passou a se chamar Mellanie Denison e viver com seus tios em Fredonia, uma cidade pequena e tediante.

Quando Mellanie fica grávida, resolve que está na hora de dar um basta e ir para sua cidade natal tentar encontrar seu pai. Ao chegar lá começa a descobrir que toda sua vida foi baseada em uma mentira e nada é como lhe contaram.

O livro vai intercalando capítulos da vida de Mellanie, em 2006, com outros da vida de seu pai, principalmente, os acontecimentos de 1991.

Pelo resuminho que fiz para vocês parece muito bom, certo? Mas o autor escreveu de forma tão entediante que somente o final do livro salva a obra.

Eu desgostei de Ramsey logo no começo do livro, por ele ser um motorista que atropela animais indefesos na estrada (me julguem, não suporto maldade com animais) e embora eu tenha achado o decorrer da história dele mais intensa que a de Mellanie, dá para dizer que o personagem era bem "doidinho" (ele acreditava no fim do mundo... Naquelas teorias malucas, rsrs).



As partes que narravam a vida de Mellanie terminaram sendo irritantes, pois a personagem é assim: ora ela quer resolver sua vida, ora está com medo de tudo. Quando descobre a verdade, queria não saber de nada. Acaba que ela é bem chatinha e birrenta/mimada.

Ao meu ver os personagens e a obra poderiam ter sido muito melhor trabalhados, de forma que o leitor se envolvesse desde o início e não somente no final.

O final salva o livro, pois acaba sendo agitado e revelando todos os detalhes (que você acompanhou a obra toda sem saber). Assim que os mistérios começam a ser desvendados parece que a leitura corre rapidamente.

Minha opinião sincera é que vocês podem colocar esse livro bem no final da lista, pois saliento que o que irá salvá-lo será o final, e admito que temos livros bem melhores no

mercado brasileiro que vocês podem e devem passar na frente.

Achei a capa muito bonita, combinando com o ar misterioso que tem a sinopse.

Caroline Marcolino faz parte de uma equipe de colunistas com um vício em comum: devorar livros. O Fantastic Books é um site especializado em críticas literárias, atualizado a cada dois dias. Além disso, têm colunas com dicas de filmes e seriados, bem como promove sorteios de livros para os leitores e top comentarista mensal como uma forma de agradecer os seguidores por sua atenção e amizade.

<http://www.some-fantastic-books.com>.



Resenha

Star Wars - Academia Jedi

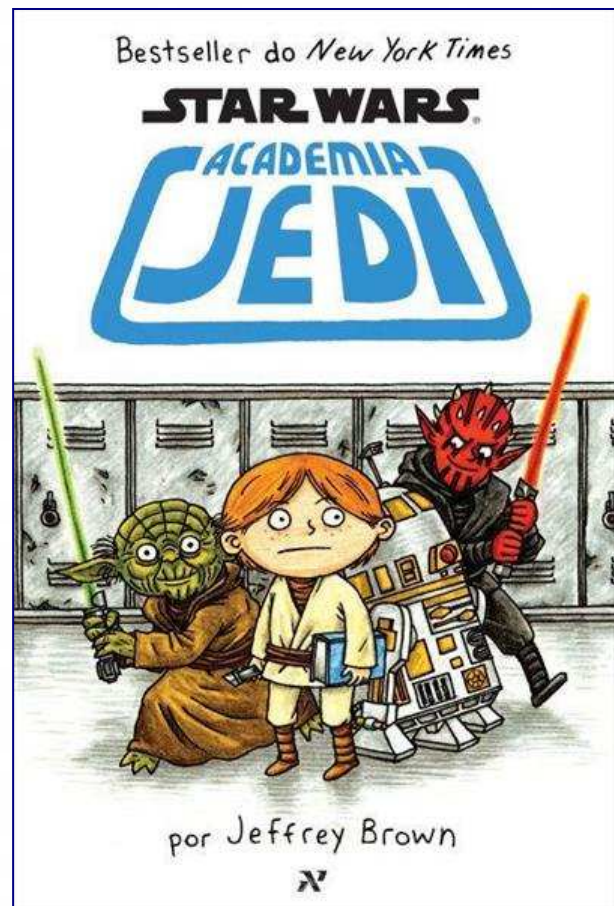
Acho que já deixei bem claro numa resenha anterior o quanto gosto do trabalho do Jeffrey Brown, que é contar por meio de quadrinhos muito fofinhos algumas histórias de um "miniuniverso expandido" de Star Wars. Logo quando o livro foi lançado já fiquei na expectativa enorme de ler, afinal, era uma história de verdade e não apenas pequenos fatos como nos outros volumes de Jeffrey. Academia Jedi é um livro muito encantador e possui uma ilustração ágil e performática para qualquer público, pode-se observar, por meio dessa obra, de modo muito delicado, alguns fatos intrigantes e ao mesmo tempo engraçados acontecem com o nosso protagonista.

O sonho de Roan é ser piloto, estava prescrito na sua história já que o irmão e o pai pertencem a Escola Secundária Academia de Pilotos, mas é obvio que o sonho do menino não poderá se realizar quando ele percebe que não recebeu nenhuma carta de aceitação da escola, a única que ele recebeu foi a da Academia de Agricultura Tatooine – ou seja, morrer plantando naqueles desertos.

Mas a vida do menino logo toma outro rumo, ele recebe inesperadamente uma carta de ninguém menos que Yoda, convidando-o para a Academia Jedi e conhecer tudo sobre os Jedis, treinamentos, técnicas, estudos, ferramentas e tudo que está na cultura desses salvadores. Como não sabe o que é ser um Jedi, ele aceita, pois deve ser bem melhor do que ficar horas tirando poeira de Tatooine das roupas.

E logo ele encontra os sacrifícios que terá para ser um Jedi.

Essa história é simples e muito fácil de ler, indicada para qualquer faixa etária, desde fã ou



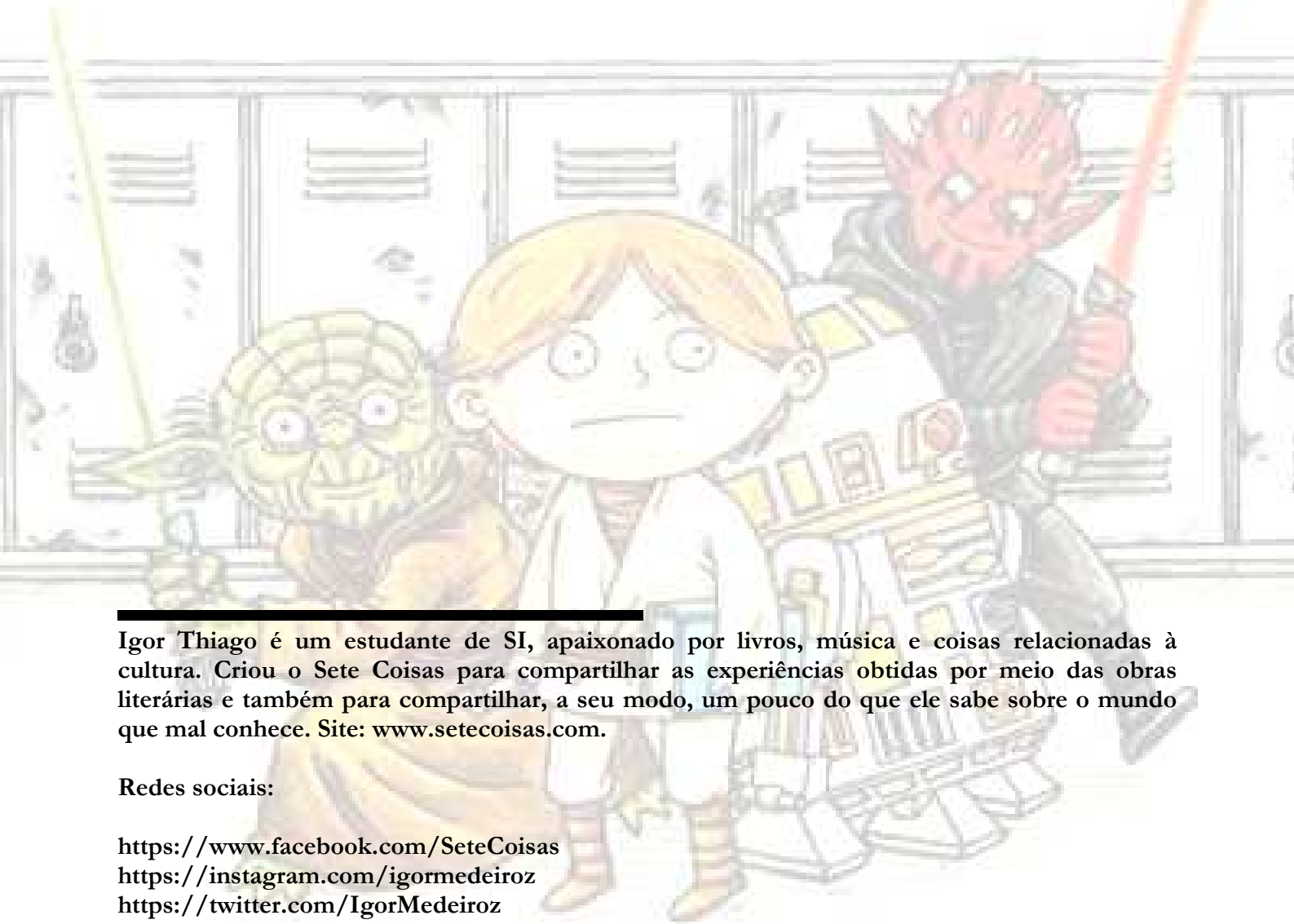
não da série. O enredo é bem desenvolvido e o leitor acaba ficando envolvido com as injustiças que acontecem com Roan e como ele consegue "quebrar" o gelo em capítulos mais densos - uma linguagem compreensível e animada durante grande parte do livro, não deixando o leitor perdido sobre o que é ser um Jedi.

Recomendo esse livro pois há uma aproximação a mais do que é ser um Jedi, nesse primeiro livro pouco se absorve sobre os Jedi, mas creio que os outros volumes com certeza excederão essa expectativa; sem falar que esse livro é lindo fisicamente, capa dura e um papel muito gostoso para ler.

Bestseller do *New York Times*

STAR WARS

ACADEMIA JEDI



Igor Thiago é um estudante de SI, apaixonado por livros, música e coisas relacionadas à cultura. Criou o Sete Coisas para compartilhar as experiências obtidas por meio das obras literárias e também para compartilhar, a seu modo, um pouco do que ele sabe sobre o mundo que mal conhece. Site: www.setecoisas.com.

Redes sociais:

<https://www.facebook.com/SeteCoisas>

<https://instagram.com/igormedeiroz>

<https://twitter.com/IgorMedeiroz>

por Jeffrey Brown

ROCCO
JOVENS LEITORES

TRILOGIA NEVER SKY



PELA

NOITE ETERNA

VERONICA ROSSI

Entrevista com Isidro Sousa

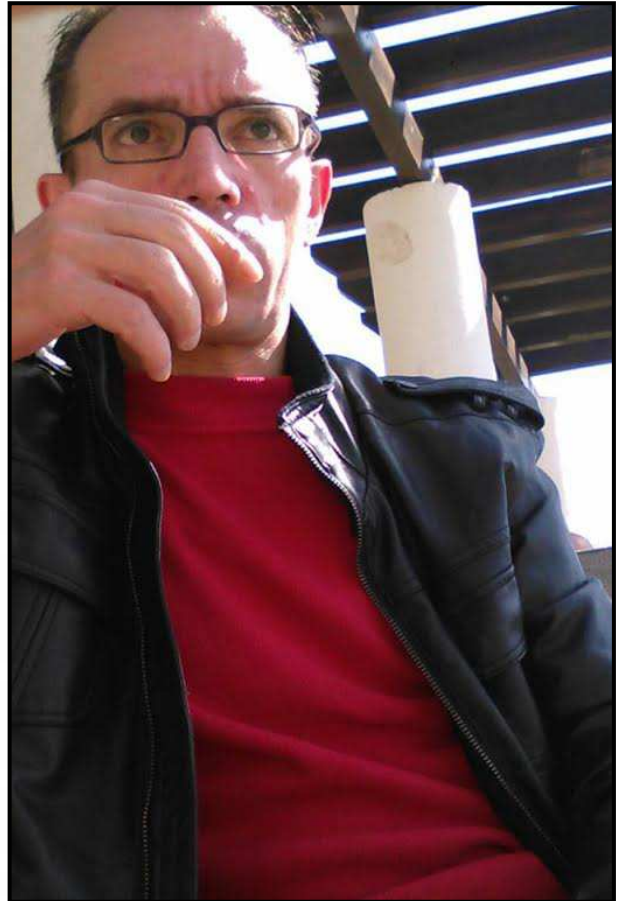
“Uma antologia é uma obra colectiva que reúne autores de várias sensibilidades, estilos, culturas e géneros, tanto autores já distinguidos ou consagrados como aqueles que publicam pela primeira vez.”

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Isidro Sousa: Foi um arranque deveras trabalhoso, tão desejado quão sofrido; envolveu uma luta titânica, qual David enfrentando Golias, com um grupo editorial que pretendia apoderar-se, sem o menor escrúpulo, de uma antologia que organizei: «A Bíblia dos Pecadores». Não permiti. Não me deixei seduzir nem ludibriar, tão-pouco me intimidei com ameaças ou insultos. Vivi dias de terror, no entanto, lutei com a garra de um leão para defender o meu projecto! Não obstante as parcerias noutros projectos que decorriam em simultâneo, desenvolvi, desde o início, esta antologia de um modo totalmente independente e autónomo. Graças a Deus, consegui salvá-la da influência maléfica, totalmente obscura, daquele grupo editorial que não tem a menor transparência, levando-a a um porto bem seguro. Na sequência desse conflito, decidi relançar-me como editor.

Conexão Literatura: Relançar-se como editor? Então, a sua experiência já é longa...

Isidro Sousa: Escrevo desde a adolescência, todavia, nunca me foi concedida a possibilidade de publicar. Escrevi o primeiro romance em



1999 e um livro de poesia em 2001; ambos permanecem inéditos. Em 1996, iniciei a actividade jornalística e editorial. A literatura era o sonho, o jornalismo surgiu por acaso... porém, um acaso muito feliz. Permitiu-me conhecer outros autores e jornalistas. Enquanto editor, publiquei trechos literários em paralelo com as peças jornalísticas, nas publicações que fundei e dirigi, e organizei a «1ª Antologia de Literatura Homeroica Portuguesa», que editei em 2001 com o patrocínio da Câmara Municipal de Lisboa. Mais tarde, integrei a redacção da Colorpress Editora, para a qual produzi textos a um ritmo alucinante. Em 2012, a minha actividade editorial sofreu um interregno. Deixando de editar, a desmotivação dominou-me. Parei de escrever. A luta pelo lançamento

do romance mantinha-se, mas a luz no horizonte não se vislumbra. Em 2014, acercando-me do meio literário, eis a lufada de ar fresco! A motivação ressurgiu com prazer redobrado. Recomecei a escrever... mergulhando, de corpo e alma, no universo literário. Participei em dezenas de obras colectivas e fui distinguido com o 2º Prémio no 5º Concurso Literário da Papel D'Arroz Editora. Esse reconhecimento funcionou como um incentivo, levando-me a criar as condições necessárias que me farão realizar o sonho. Foi quando decidi organizar «A Bíblia dos Pecadores». Em paralelo, surgiu o convite para dinamizar a Silkskin Editora – para a qual organizei a antologia «Boas Festas». Meses volvidos, um grave conflito com a responsável pela empresa (que agrupa quatro editoras) fez-me romper os vínculos. Como já tinha uma antologia independente em curso, creio ter feito a melhor opção: contra ventos e marés, relançar-me como editor.



Conexão Literatura: Você foi editor de jornais e revistas, tendo fundado em 1996 a revista “Korpus”, considerada a primeira revista gay portuguesa; também editou e dirigiu o “Púbico”, jornal homoerótico, e desde 2003 produz e edita anualmente o “Lisbon Gay Guide”, um guia turístico distribuído gratuitamente em locais específicos da comunidade LGBT. Poderia comentar?

Isidro Sousa: O meu percurso enquanto editor de publicações periódicas é longo; começou há 20 anos. No entanto, até aí nunca havia almejado o jornalismo; somente a literatura. Mas a “Korpus” revelou-se um acaso muito feliz; surgiu durante uma brincadeira, para provar aos meus amigos que conseguia editar uma revista. Nessa época, eu tinha 22 anos; era bastante jovem e um tanto inconsequente... mas já possuía um espírito audaz, atitudes arrojadas e não perdia tempo com indecisões. Editei a

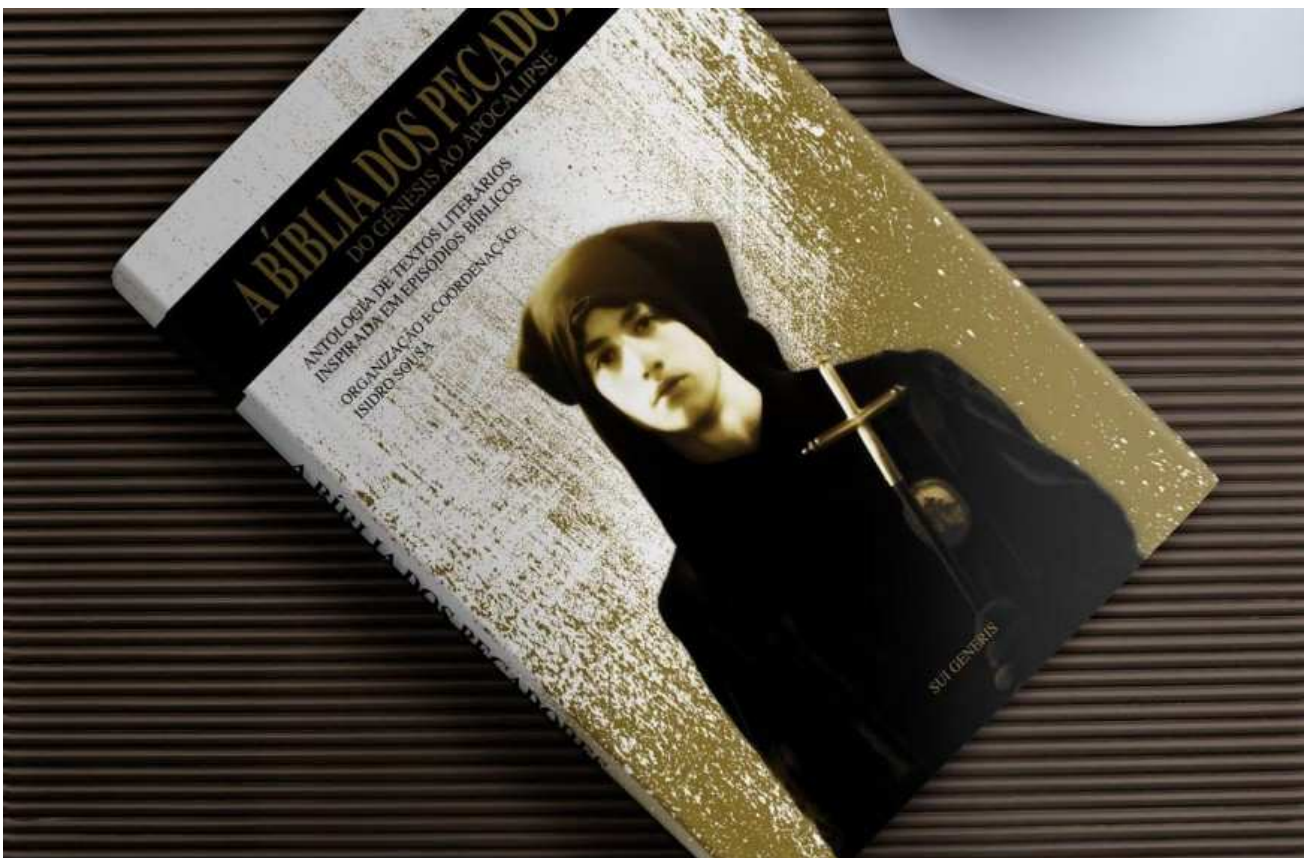
“Korpus” durante 12 anos; foi o primeiro órgão de comunicação dedicado às minorias sexuais em Portugal, numa época em que o preconceito grassava. E embora fosse uma publicação temática, era generalista dentro da sua especificidade: política, cultura, intervenção, associativismo, lazer, erotismo... os conteúdos, da simples legenda à grande reportagem, abrangiam tudo! Entrevistei, por exemplo, o falecido poeta Eugénio de Andrade e publiquei uma entrevista com o realizador Pedro Almodóvar. Reuni uma equipa de excelentes colaboradores, escritores incluídos. Dei um forte contributo nas lutas concretizadas, nas leis que se criaram, no bem-estar que a comunidade LGBT portuguesa alcançou. O “Lisbon Gay Guide” é um guia desdobrável com formato de bolso, actualizado anualmente, bilingue; destinado aos turistas que visitam Lisboa, inclui informações sobre os locais LGBT existentes na cidade: bares, discotecas, hotéis, saunas, restaurantes, lojas, organizações, etc. O “Púbico”, por sua vez, foi a publicação que sucedeu à “Korpus”, em 2008. Sendo um jornal (impresso) e tendo menos páginas, envolvia menos custos de produção; editei-o em parceria com a Colorpress Editora e os conteúdos privilegiavam o erotismo, mas um erotismo bem cuidado, com qualidade, sem cair na pornografia. Tinha também uma vertente formativa e informativa, com crónicas, opinião, reportagens, consultório assegurado por um

psicólogo e espaços para a cultura e o social. Foi editado até 2012, ano em que a Colorpress cessou a actividade. Por arrastamento, eu deixei também de (poder) editar.

Conexão Literatura: Você tem como projeto lançar a editora Sui Generis. Fale mais para os nossos leitores sobre a ideia da editora e sobre os lançamentos da coleção de livros que leva o mesmo título.

Isidro Sousa: O nome Sui Generis existe como marca desde Dezembro de 2015, sendo o título de uma Coleção de Antologias, porém, dará origem (a curto prazo) à editora Sui Generis. Constituir uma editora é um processo nada fácil, envolve questões financeiras e imensas burocracias, pode demorar. Em Dezembro passado, estabeleci uma parceria com a editora EuEdito – que me permite publicar já as obras Sui Generis sob a sua tutela (essa parceria facilita, por exemplo, tudo o que se relaciona com questões burocráticas); caso contrário, teria de esperar meses para lançar a minha editora. Não obstante, após ter a editora formalmente constituída, tenciono manter a parceria com a EuEdito; é mais vantajoso. Numa fase inicial, a

Sui Generis promove somente obras colectivas, organizará brevemente tertúlias e workshops literários em associações culturais, envolverá outros autores na coordenação de projectos e lançará os meus livros individuais; numa fase posterior, dará também atenção a outros autores... mas somente a autores que conheço e cujas obras admiro. Darei preferência, indiscutivelmente, aos Autores Sui Generis... aqueles que colaboram com projectos Sui Generis. Recuso manuscritos para análise (não há disponibilidade para isso), prefiro ir conhecendo os autores e eu mesmo farei convites quando considerar os momentos oportunos. Não é objectivo da Sui Generis publicar uma grande quantidade de autores, como se vê na generalidade das editoras; prefiro editar poucos, mas bons! A Sui Generis privilegia a qualidade! Aliás, todos os trabalhos (quer colectivos, quer individuais) passam sempre pelo meu crivo; eu mesmo reviso os textos. Não quero lixo ortográfico, nem gralhas, nem qualquer tipo de incorrecção ou imperfeição nos livros Sui Generis. E jamais associarei o nome Sui Generis a uma obra mal concebida – por dinheiro nenhum!



Conexão Literatura: Você organizou a antologia “A Bíblia dos Pecadores”, lançada em fevereiro. Nela foram publicados contos de autores brasileiros e portugueses. Conte para nós como foi a ideia do título e como foi a seleção dos contos.

Isidro Sousa: “A Bíblia dos Pecadores” é a obra inaugural da Coleção Sui Generis. Foi lançada no dia 13 de Fevereiro com a chancela da EuEdito e reúne 44 autores, 30 portugueses e 14 brasileiros, ao longo de 378 páginas. A ideia desta obra foi criar uma “Bíblia” – *Do Génesis ao Apocalipse* – inspirada em episódios da Sagrada Escritura, porém, construída por Pecadores e cada autor escolheu o tema que desejou desenvolver. Na seleção dos textos, privilegiei, especialmente, a qualidade e o enquadramento no espírito do projecto, todavia, houve um acompanhamento muito próximo aos participantes. Temos vários autores (de todas as idades) com obras individuais publicadas, muitos deles já premiados, distinguidos em concursos literários, campeonatos e certames similares; temos outros autores que só escreviam poesia e estrearam-se agora na prosa, respondendo ao meu desafio; e temos aqueles autores estreantes, que publicam pela primeira vez um texto em livro. Quanto aos conteúdos, são muito, muito, muito diversificados. Cada autor, um tema diferente! Cada texto, um estilo Sui Generis! Do drama à comédia, da aventura à sátira, da prosa poética à peça de teatro, da crónica ao romance, do policial à ficção científica... existe um pouco de tudo! E é essa grande variedade de temas, essa diversidade de estilos e géneros literários que enriquece esta “Bíblia” de Pecadores, tornando-a uma edição única... verdadeiramente sui generis!

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de “A Bíblia dos Pecadores”, especialmente para os nossos leitores?

Isidro Sousa: É difícil destacar só um texto. Temos dramas, aventuras, crónicas, comédias, sátiras deliciosas... Por exemplo: aos costumes de Sodoma e Gomorra, especialmente à mulher de Lot, que virou Estátua de Sal. Ou então às donas de casa sexualmente insatisfeitas, reflectidas numa Eva descontente com a sua

condição feminina face ao companheiro homem. A figura de Eva inspirou textos belíssimos. O mesmo sucedeu com Maria Madalena. Algumas seitas actuais e actos de charlatanismo protagonizados por certas individualidades também são visados através da ironia. Nos policiais, destaco o renascimento do assassino numa nova vida, a empresária sem escrúpulos inspirada em Jezabel e o estupendo serial killer que ocorre em paróquias do Rio de Janeiro. A infidelidade, a desilusão amorosa e o adultério deram pano para mangas. Há belíssimas histórias de amor e algumas crises de consciência, quer com a própria sexualidade, quer nas guerras sangrentas. Estórias amorosas entre seres do mesmo sexo não foram olvidadas. As vantagens e os benefícios do voluntariado, a violência doméstica e a escassez de dinheiro, as crises de refugiados, Direitos Humanos, a violência no mundo, a condição feminina em solo africano e as consequências do alistamento nas fileiras do Estado Islâmico são outros temas abordados através da literatura. A ambição de Babel, a tragédia de Abel, a fuga de Jacob, a paixão de Lázaro, espiritualidade, misticismo e biografias romanceadas também estão presentes, especialmente a de Barrabás, transmitindo a visão do criminoso perante o martírio do inocente. Ah, e temos uma aventura deveras interessante inspirada nessa mesma figura, a de Barrabás, mas à laia de Robin dos Bosques. Na ficção científica, conspirações e visões apocalípticas. E textos futuristas. Mas há mais... muito mais!

Conexão Literatura: Como os interessados deverão proceder para adquirir um exemplar do livro?

Isidro Sousa: O meio mais fácil e directo para comprar qualquer livro Sui Generis é ficarem atentos às páginas e grupos que disponibilizo nas redes sociais. Utilizo o Facebook e o Twitter. Pesquisem pelos nomes “Isidro Sousa”, “Isidro Sui Generis” e “Sui Generis”. Aos dois blogues também: “De Lírios” (<http://isidelirios.blogspot.pt>), o meu blogue pessoal, e “Letras Sui Generis” (<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>). Podem comunicar por chat privado, através dos comentários e por e-



mail (letras.suigeneris@gmail.com); o processo de venda do livro passa, quase todo, pelas minhas mãos. Podem encomendar comigo. Mas a versão impressa do livro e a versão descarregável, ou o e-book, bastante mais económico, encontram-se também disponíveis na livraria virtual da EuEdito (www.euedito.com); basta entrar na opção “Livraria” e pesquisar com a palavra “Bíblia”. Além disso, faremos brevemente o lançamento internacional de “A Bíblia dos Pecadores” através da Amazon. E novos locais de venda que se conquistem serão indicados em todas as nossas páginas.

Conexão Literatura: Você estará lançando em breve a antologia “O Beijo do Vampiro”. Poderia comentar?

Isidro Sousa: “O Beijo do Vampiro” é a segunda antologia da Coleção Sui Generis e reúne contos vampirescos de 37 autores: 22 portugueses e 15 brasileiros. Apesar de haver uma presença bastante significativa de autores

brasileiros em relação aos autores de outros países (até aqui, inexistente), as nossas antologias são lusófonas. Este livro está em fase de produção e edição; a sessão de lançamento, ainda não agendada, deverá ocorrer no fim de Março. Como o próprio título sugere, o tema desta antologia é o universo dos vampiros. Embora seja um tema mais limitado em relação aos episódios bíblicos, registou uma forte adesão, despertou imenso interesse! Os textos são igualmente bastante variados: do drama à aventura, do romance ao sobrenatural, da comédia ao policial, do fantástico à ficção científica. Após a publicação de “O Beijo do Vampiro”, lançaremos “Vendaval de Emoções”, a terceira Antologia Sui Generis, que reúne poemas e prosa poética de seis dezenas de autores lusófonos; nesta obra, temos já incluídos autores africanos e o tema são as emoções.

Conexão Literatura: Como os leitores poderão saber mais sobre os seus futuros projetos?

Isidro Sousa: Todas as informações relacionadas com as Antologias Sui Generis são divulgadas nas páginas que citei. Mas devo referir que... além dos três projectos literários de que já falei, temos outras antologias a decorrer: «Ninguém Leva a Mab», que visa seleccionar estórias carnavalescas (prazo para recepção de textos prorrogado até 15 de Março), «Sexta-Feira 13», dedicada aos Mitos & Superstições (também até 15 de Março; para ser lançada na única sexta-feira dia 13 deste ano), e «Os Vigaristas» (até 31 de Março), que visa seleccionar crónicas, poemas e contos do vigário. No início de Março, arrancaremos com uma nova Antologia de Poesia Lusófona dedicada às paixões, intitulada «Torrente de Paixões» (até 15 de Abril), e teremos, na terceira semana de Março, outro projecto dedicado às Ruralidades portuguesa e brasileira, «Salóis & Caipiras – Lendas, Causos e Poesia», coordenado por uma autora brasileira: Marcella Reis. Todos os autores que se interessem por alguma destas antologias, devem consultar os respectivos regulamentos, publicados nos nossos blogues, ou então comunicar comigo. Ficam, desde já, convidados à participação. Quanto aos leitores, mantenham-se atentos aos blogues e às páginas nas redes sociais, onde divulgo todos os meus trabalhos... quer individuais, quer colectivos. E para adquirir qualquer um destes livros, comuniquem directamente comigo.

Perguntas rápidas:

Um livro: «A Última Tentação de Cristo», de Nikos Kazantzakis, que deu origem ao filme com o mesmo título.

Um autor: Guilherme de Melo – cuja obra admiro e tive o privilégio de conviver com ele, enquanto viveu; tinha uma postura ímpar. Além de ter sido meu amigo, é uma referência para mim.

Um filme: «Tudo Sobre a Minha Mãe», de Pedro Almodóvar, e todos os filmes deste realizador.

Um dia especial: Muitos! Mas destaco o mais recente: 13 de Fevereiro, dia em que ocorreu o

lançamento de «A Bíblia dos Pecadores». Foi muito especial, verdadeiramente emocionante...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Isidro Sousa: Gostaria de salientar a importância destes projectos. Uma antologia é uma obra colectiva que reúne autores de várias sensibilidades, estilos, culturas e géneros, tanto autores já distinguidos ou consagrados como aqueles que publicam pela primeira vez. Participando, o autor divulga o seu trabalho, mostra o seu talento, vai trilhando um caminho e atinge mais facilmente objectivos específicos. Há que frisar: foi através da participação em diversas obras colectivas de várias editoras, em Portugal e no Brasil, que eu consegui relançar-me! Para o leitor, é uma oportunidade de ler textos distintos de diferentes autores num só livro. Por outro lado, recomendo mil cuidados na hora de procurar uma editora para publicar um livro. Analisem bem as propostas que recebem, leiam todas as entrelinhas dos contratos. Nada assinem, enquanto tiverem dúvidas. Observem também o funcionamento das editoras. Uma editora que não prima pelo rigor, não analisa nem revisa textos, apresenta capas foleiras feitas às três pancadas, não divulga nem promove as suas obras e/ou autores e persiste em publicar lixo literário não beneficia nem credibiliza nenhum autor. Em Portugal, infelizmente, há muitas que procedem desse modo; como lobos disfarçados na pele do cordeiro. Se não conhecem, questionem. Dêem especial atenção às queixas de outros autores. Eles podem ter razão! Eu tive o desprazer de trabalhar num grupo editorial cuja conduta é essa mesma: tudo o que vier à rede é peixe! Não há rigor, não há selecção, não há qualidade, só lhes interessa sugar os autores, enchendo os bolsos de dinheiro. Não pensem que estou a exagerar! Eu sei do que falo. Foi justamente por isso que bati com a porta e decidi relançar-me como editor. Para mim, só existe um lema: qualidade acima de tudo!

Acesse o blog do autor: <http://isidelirios.blogspot.pt>

A GAROTA DRAGÃO

III - A CLEPSIDRA DE ALDIBAH



DA AUTORA DE CRÔNICAS DO MUNDO EMERSONO

LICIA TROISI

ROCCO
JOVENS LEITORES

O Mundo de Tim Burton no Brasil



Finalmente chegou ao Brasil a exposição que mostra detalhe por detalhe da carreira do grande cineasta Tim Burton, conhecido por obras como O Estranho Mundo de Jack (Nightmare before Christmas), Noiva Cadáver (Corpse Bride), Edward mãos de tesoura (Edward Scissorhands), entre muitos outros clássicos.

Influenciado pelo cinema de terror alemão e por clássicos dos estúdios Universal e Hammer, além de demonstrar fortes influências de autores como Edgar Allan Poe e Mary Shelley, Burton cria universos em que o macabro encontra o surreal de forma inusitada, divertida, quase inocente e sempre surpreendendo o público.

A exposição, localizada no Museu de Imagem de Som de São Paulo, apresenta a mente de Burton desde suas primeiras expressões artísticas. Lá podemos ver ilustrações dele feitas na época da escola, que foram escolhidas para propagandas, uma carta de Burton enviada à Disney junto a um manuscrito original ilustrado, assim como a carta de rejeição enviada pela Disney a Burton – mas ainda incentivando-o,

demonstrando apreço ao trabalho do jovem artista.

Além disso, vemos guardanapos e folhas de cadernos com ilustrações de Burton, poemas manuscritos, uma carta dele a Johnny Depp sobre uma fala de um filme, esculturas por todos os lados representando criações de Burton, desde referentes a projetos exclusivos como esculturas e ilustrações de artes conceituais dos personagens dos filmes. A exposição é dividida em salas e andares e, de um andar para o outro, descemos em um tobogã – o qual o próprio Tim Burton diz ter adorado quando visitou o museu no início de fevereiro na abertura da exposição, pois o MIS foi o primeiro museu do mundo a inserir este divertido elemento que tem tudo a ver com o mundo de Burton.

Cada sala apresenta um diferente aspecto da obra do diretor, desde a melancolia, o encantamento, entre outros, e dentro da sala, encontramos obras que se encaixam no tema. Em uma das últimas salas, vemos diversas imagens, ilustrações de projetos não concluídos de Burton, como um filme chamado Trick or

treat, planejado para 1980 – cujos elementos foram reaproveitados para outras obras, como O Estranho Mundo de Jack.

Além das ilustrações e esculturas, também há vídeos com diversos curtas dirigidos por Burton, como o famoso Vincent – inspirado em Vincent Price e Edgar Allan Poe, grandes ídolos de Burton e frequentes influências diretas em sua obra, e também episódios da animação Stain Boy, o curta João e Maria (Hansel and Gretel, 1982), clipes do The Killers dirigidos por Burton, entre outros.

Enfim, é uma exposição que inclui representações de praticamente tudo já desenhado, escrito ou filmado por Burton. Um paraíso para os fãs do diretor ou do bom cinema mais voltado para um lado surreal ou sombrio. A exposição iniciou em 4 de fevereiro e permanecerá no MIS (Museu de Imagem de Som) até o dia 15 de maio. Acesse o site do museu e saiba mais sobre como adquirir seu ingresso.

http://www.mis-sp.org.br/icox/icox.php?mdl=mis&op=programacao_interna&id_event=1972

TIM BURTON

MIS

Amanda Leonardi, nascida em Porto Alegre, em 23 de agosto de 1991. Escritora e tradutora, escreve para os sites Literatortura e Indique um livro, participou das antologias Estrada para o Inferno, da editora Argonautas, King Edgar Hotel, Legado de Sangue e Horas Sombrias da editora Andross, As Quatro Estações, da editora Multifoco, do ebook Contos de Terror, da Fábrica de Ebooks e organizou a antologia online A Taverna do Amontillado, publicada pela plataforma de e-books Wattpad.

ILUSTRAÇÃO COM EMOÇÃO!



Tiburcio ilustrator

Sou um ilustrador experiente, interpreto textos e faço a boneca do seu livro. Cores maravilhosas! Entrego a arte pronta para ir à gráfica. Venha conhecer mais pelo Facebook!

Tel: 21 2629 7550
Cel: 21 995570536

E-mail: tibatiburcio@terra.com.br
Facebook: <https://www.facebook.com/tiburcio.illus>

Livro

A Bíblia dos Pecadores

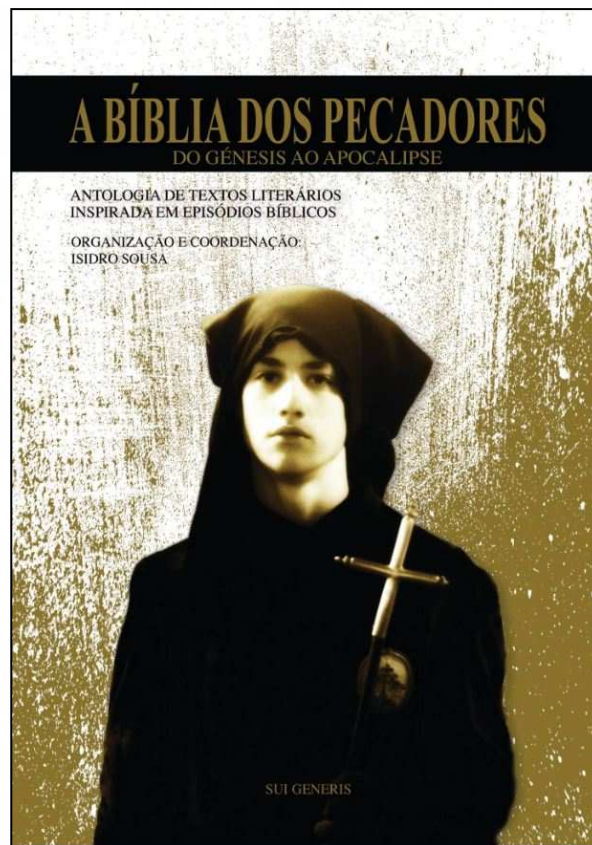
Antologia de textos literários inspirada em episódios bíblicos. Uma obra Sui Generis, idealizada, organizada e coordenada por Isidro Sousa, director da Colecção Sui Generis. Reúne 44 autores: 30 portugueses e 14 brasileiros. Foi lançada no passado dia 13 de Fevereiro, com a chancela da editora EuEdito, em Lisboa.

A origem do mal no mundo é um dos problemas mais sérios que o homem se põe a si mesmo. Também ele aparece na Bíblia. A resposta é: não é Deus a causa do mal, como pensavam os persas e outros. A causa dele deve procurar-se nas criaturas.

(in “Bíblia Sagrada”, Nota 3 da página 20. Difusora Bíblica, Missionários Capuchinhos)

A obra literária cuja capa pode ser apreciada na fotografia que ilustra este texto revela-se uma Bíblia de pecadores porque as quarenta e quatro narrativas que a compõem foram inspiradas em passagens ou episódios da Sagrada Escritura e a autoria dos textos é da responsabilidade de quarenta e quatro humildes pecadores, o que faz desta antologia A Bíblia dos Pecadores.

No desafio difundido nas redes sociais, entre Agosto e Outubro de 2015, informávamos: «O projecto A Bíblia dos Pecadores visa seleccionar textos inéditos inspirados nas histórias da Bíblia para publicar sob a forma de um livro. Do Génesis ao Apocalipse... da tentação de Eva à ressurreição de Cristo, do fratricida Caim às batalhas sangrentas, da fuga de Jacob à libertação de um povo (Moisés), da mulher de Putifar à prostituta arrependida, da escravização de José à glória de governar, das pragas do Egipto à derrota de Golias, do amor entre Jónatas e David às peripécias de Sansão e Dalila, do prenúncio do Messias às parábolas de Jesus, da evangelização aos diversos martírios, do dilúvio às previsões apocalípticas... e muitos



outros acontecimentos... Sara e Abraão, as irmãs Lia e Raquel, Salomé, Josué, Salomão, cânticos e provérbios, Sodoma e Gomorra, as armadilhas do demónio... Lázaro, João Baptista, José e Maria, os reis Magos, a condenação de Cristo, os apóstolos, os patriarcas, as profecias, o domínio do Império Romano na Terra Santa... eis alguns exemplos de personagens e eventos dentre um vastíssimo manancial que inspirará as mais variadas narrativas.» Todavia, frisávamos: «Não queremos reproduzir as histórias da Bíblia. Pretendemos criar uma “Bíblia de Pecadores” com histórias actuais baseadas em episódios (eventos ou personagens) da Bíblia.» Se bem se lançou o repto, melhor se assimilou a mensagem.

Seis dezenas de cartazes exibiram (diariamente) imagens distintas, bastante variadas e por vezes até ousadas, para todos os gostos, inspiradoras de novos enredos, outras histórias de vida, reais

ou ficcionadas, em quaisquer épocas ou locais. E ninguém lhes ficou indiferente, nos dois lados do Atlântico! Resultado: quarenta e quatro textos seleccionados, redigidos em diversos géneros literários; da crónica ao conto policial, do drama à comédia, da prosa poética à biografia romanceada, da sátira à ficção científica, da fábula à peça teatral, da tragédia à aventura romântica... um pouco de tudo! Os próprios autores – trinta portugueses e catorze brasileiros – escolheram os temas que desejaram desenvolver, independentemente das suas raças, crenças, orientações sexuais, identidades de género e filosofias de vida.

Cada texto inclui (no início) uma citação da Bíblia, nomeadamente do episódio em que é inspirado, e o critério de apresentação dos mesmos baseia-se na ordenação bíblica, a partir das citações designadas. Do Génesis ao Apocalipse. Desse modo, surgem, nas primeiras páginas, as narrações inspiradas no Génesis, e nas derradeiras as tramas apocalípticas. «Foi o que Januário fez. Nu, sozinho no ateliê, ferrou os dentes, levemente, na maçã, tentando entrar no espírito da cena bíblica, anunciadora do conhecimento», eis uma frase reveladora de O Mestre, o conto que principia a nossa colecção. Nas páginas imediatas, podemos ler as peripécias de uma Eva (ainda sem filhos) ansiosa por resolver a questão da descendência na Terra, conflitos familiares baseados na tragédia de Abel, a ambição desmedida de Babel e uma sátira recheada de humor e malícia aos costumes de Sodoma e Gomorra.

Nas tramas inspiradas em episódios dos livros subsequentes (concretamente, do Levítico em diante) abunda uma vastíssima variedade de temas: adultérios e traições, angústias e arrependimentos, a dificuldade em assumir sentimentos ou de lidar com a própria sexualidade, relacionamentos inter-raciais, romantismos genuínos, a vivência do amor entre pessoas do mesmo sexo, desilusões e trapalhadas amorosas, ambições no meio empresarial ou as lutas acirradas pelo Poder, crimes em meios eclesiásticos, reflexões sobre

fé, religiões, crenças ou espiritualidade, narrações sobre personalidades históricas, eventos bíblicos reflectidos na actualidade ou a necessidade de uma (nova) intervenção divina na Terra, missões humanitárias, vantagens e benefícios do voluntariado, a defesa dos Direitos Humanos ou a condição feminina em solo africano, reconfortantes diálogos com Deus e (também) sobre a Sagrada Escritura, discriminações sofridas pelos refugiados nos países de acolhimento, a visão do criminoso ante o martírio do inocente, o renascimento de um homicida, façanhas similares às de Robin dos Bosques, histórias de sensualidade e concupiscência, os caminhos mortíferos dos estupefacientes ou a sobrevivência no submundo da droga, as nefastas consequências resultantes do alistamento nas fileiras do Estado Islâmico (onde impera «só fanatismo, ódio e crueldade»), crises de consciência (como a do soldado assassino que deserta, salvando a prisioneira), o flagelo da violência doméstica e a escassez de dinheiro, sátiras ao charlatanismo de seitas ou de individualidades menos transparentes, as Marias Madalenas dos tempos modernos, os beijos de Judas, conspirações e visões apocalípticas.

O leitor encontrará todos estes temas ao longo das trezentas e setenta e oito páginas que compõem A Bíblia dos Pecadores. São temas variadíssimos, escritos por quase meia centena de autores distintos entre si, portugueses e brasileiros, com diferentes sensibilidades, culturas, idades, experiências de vida e estilos. Alguns foram já distinguidos em concursos literários e certames similares, conquistaram prémios e menções honrosas e têm obras individuais editadas, e outros fazem agora a sua estreia no universo das letras; as suas biografias (resumidas) podem ser consultadas no apêndice desta antologia.

Deixo, então, ao vosso dispor: A Bíblia dos Pecadores – Do Génesis ao Apocalipse. Que, seguramente, lhes proporcionará boas leituras!

Isidro Sousa

NOTA – A versão impressa deste livro pode ser encomendada por e-mail, através das redes sociais (Facebook e Twitter), dos blogues “De Lírios” e “Letras Sui Generis” e da livraria virtual da editora EuEdito. A versão descarregável (e-book), bastante mais económica, só pode ser adquirida na livraria EuEdito – basta entrar na opção que diz «Livraria» e pesquisar com a palavra «Bíblia». Eis os principais contactos: letras.suigeneris@gmail.com - <http://isidelirios.blogspot.pt> - <http://letras-suigeneris.blogspot.pt> - www.euedito.com.

THE WALKING DEAD

CRIADO POR ROBERT KIRKMAN

INVASÃO

JAY BONANSINGA



Por Ademir Pascale

Antonio Spadoni

São Paulo. Bairro de Moema. Sábado. 23hs.

No alto da igreja, como uma gárgula, ele visualiza os poucos transeuntes que perambulam nas ruas mal-iluminadas do seu bairro. *Ele* olha para as janelas de algumas casas e consegue ver a movimentação rotineira das famílias em seus lares: muitos estão vidrados, acomodados em seus sofás, assistindo algum programa na televisão que tem como objetivo apenas fazê-los ainda mais consumistas. Num sobrado, através da janela de um quarto, *ele* verifica a briga diária de um jovem casal.

Eles não imaginam o que está acontecendo lá fora e muito menos sabem que demônios caminham disfarçados sobre este planeta desde tempos imemoriais.

Ele tenta manter o controle das coisas. É difícil, bem difícil, mas faz o possível e algumas vezes até o impossível para atingir os seus objetivos.

Um bilhete amassado dentro do seu bolso é retirado. *Ele* confirma mais uma vez o endereço de um bar que deve visitar ainda essa noite. E com uma agilidade incrível, desce do parapeito até o chão.

Caminhar a noite traz lembranças indesejáveis, da época em que *ele* era um garoto de rua, solitário, faminto, sem dinheiro e sem esperanças. Perdera os pais quando tinha apenas três anos. Maldita morte que leva os bons e deixa os maus. Chegou a cheirar cola inúmeras vezes para se esquecer do abuso sexual que sofrera do pai adotivo. Entre os nove e doze anos de idade, fora preso quatro vezes por roubar à mão armada. E em todas as quatro vezes apanhou muito, pois os policiais sabiam que ele não ficaria ali por muito tempo.

Ele aprendeu nas ruas que nem tudo o que vemos é real. Que muitas pessoas elegantes, bonitas e cheirosas carregavam em suas

entranhas um ser demoníaco pronto para destruir.

Ele sabe identificar quem é quem; demônio ou humano, pois além do conhecimento que adquiriu, *ele* possui um dom muito especial, o que também o difere de outras pessoas: o de enxergar auras.

As auras dos humanos são praticamente iguais e variam pouco em sua tonalidade, dependendo do grau emocional de cada um. As auras dos demônios são idênticas: negras como o abismo mais profundo.

Demônios estão na Terra apenas para instituir o caos e se deleitam com os prazeres mundanos, com as guerras, com o sofrimento e o terror.

O bar estava próximo, num beco escuro e sujo, um local que a maioria dos humanos passariam longe. Por via das dúvidas, esta noite *ele* se passaria por demônio, e o ingresso para entrar são palavras milenares de uma língua extinta, pronunciadas para o demônio guardião do local.

Ele se aproxima cautelosamente daquele imenso ser em frente à porta de entrada. O guardião traça roupas normais, como os humanos, mas o capuz que usa e a falta de iluminação dificulta a sua identificação. Palavras são pronunciadas. O guardião apenas levanta a cabeça e deixa à mostra seus olhos luminosos. O demônio bufa como um equino, depois empurra a pesada porta de madeira deixando o acesso livre para *ele* passar.

Uma festa está acontecendo ali. O som está alto, mas ainda é possível ouvir as gargalhadas estridentes. E mesmo acostumado com ambientes assim, o seu coração parece que vai explodir dentro do peito.

Não por estar nervoso, mas sim pela ansiedade em estar logo entre eles para poder matá-los, um a um.

Seu nome é Antonio Spadoni, e ele é um padre de cinquenta e cinco anos, mas não um padre tradicional daqueles que apenas celebram missas: ele é um caçador de demônios.

— Me dá a bebida mais forte da casa — disse Spadoni ao demônio *barman*, que sorri mostrando seus dentes amarelados, depois despeja simultaneamente a bebida de duas garrafas num copo.

O líquido desce quente em três goles. Ele pede mais e enquanto o *barman* prepara o drink, o padre olha o ambiente. Bem lá no fundo, ele consegue identificar Berith, demônio que sabe tudo sobre o passado e que prevê o futuro, parceiro inseparável de Paimon, temido e poderoso demônio, comandante de mais de duzentas legiões de demônios e um dos braços direitos de Samael, o rei do inferno. Além deles, cerca de cinquenta demônios se divertem com prostitutas humanas. Certamente elas não sabem que os ocupantes daqueles corpos são temíveis e milenares monstros, loucos famintos por almas humanas.

Spadoni já tinha observado a dupla em ação e pode defini-los como Berith sendo o “cérebro” e “Paimon” os músculos.

Ele deve ficar longe da vista de Berith e agir no momento certo. Para ele que é um experiente caçador, cinquenta demônios não são nada. O problema mesmo será Paimon.

Um breve silêncio no salão, com ressalva de gritinhos ofegantes das prostitutas e copos de vidro vazio batendo sobre as mesas. Todos ficam mais agitados e sorridentes quando um demônio coloca uma ficha na Jukebox e seleciona a faixa *Sympathy For The Devil*, do Rolling Stones, menos o padre que pensa numa estratégia para pegar todos sem que as *moças* saiam feridas.

Cautelosamente ele vai até o corredor principal, local que todos devem passar ao sair. Uma fileira de sal, de ponta a ponta, é feita no chão. Demônios não ultrapassam fileiras de sal, portando, ali será uma ótima barreira para que fiquem aprisionados apenas com o seu executor: Spadoni.

Ele caminha calmamente entre os demônios. Empurra com violência um deles da cadeira e sobe sobre uma das mesas. Retira a jaqueta de couro, deixando sua batina negra à

mostra, depois puxa sua espada, que estava acoplada num suporte de couro nas costas.

Alguns demônios ainda não viram o homem de batina. Spadoni pega uma garrafa de whisky que estava sobre a mesa e a atira na Jukebox. Acabou o som. Todos olham furiosos para o padre. Ele range os dentes enquanto retira de um bolso interno da sua roupa uma pequena garrafa contendo um líquido incolor, rosqueia e retira a sua tampa, para logo em seguida respingar o seu conteúdo nos que estão próximos.

Fumaça.

Odor de carne queimada.

Água benta sempre foi muito eficiente nesses casos.

O que padre Antonio Spadoni nunca entendeu foi por que os demônios nunca gostaram de usar armas. Eles preferem os punhos e os dentes, talvez para saborear ainda mais a carnificina. Mas isso era uma vantagem para ele que é um exímio espadachim. E sua espada não é tão simples como qualquer outra, ela fora benzida por doze padres, tornando-se num instrumento poderoso contra as forças do mal.

Spadoni poderia usar armas de fogo. Seria muito mais fácil meter na testa de cada um daqueles demônios uma bala benzida em água benta. Mas ele também sente prazer em usar a sua espada. Fora isso, sua agilidade também não o difere muito de um franco atirador.

Os segundos passam lentos. Spadoni vê a feição demoníaca de cada um. Suas auras negras infestam o ambiente. As prostitutas ainda não entenderam que aqueles que aparentam homens não passam de terríveis e sanguinários demônios. Berith empurra as três prostitutas que estão sobre ele, puxa a calça para cima, fecha o zíper e se levanta da cadeira. Paimon já está de punhos cerrados, mas a primeira ordem do líder foi a de sair pela porta dos fundos. A segunda foi para os demônios trucidarem o padre.

Spadoni sorri e sente prazer em enfrentar a morte armado.

Mesmo tendo confiança que vencerá àqueles asquerosos seres, ele sabe que poderá morrer se errar um mísero golpe.

Ele segura as duas mãos com firmeza na bainha da sua espada na altura do seu umbigo,

aponta a arma para frente, depois gira o corpo na velocidade de um relâmpago.

Nove cabeças são decepadas.

As prostitutas param de sorrir ao ver a violência e ficam atônitas em notar que o sangue derramado daqueles homens, não possuem a cor vermelha, mas sim, negra.

Spadoni salta da mesa com sua espada nas mãos e divide ao meio o primeiro demônio em sua frente. Golpes certos o afasta de dentes sedentos por carne humana. Uma pesada cadeira de madeira é atirada. Ele cai e sente o chão girar, mas ainda segura com firmeza a sua arma. Os demônios se atiram sobre ele. Unhas e dentes pontiagudos arranham e fincam em sua carne. E com força sobre-humana, ele se ergue em meio aos demônios e grita de tal maneira que todos do salão estremecem. Suas veias salientes e pulsantes. Seus olhos arregalados. Seus dentes à mostra. Alguns demônios rastejam para longe daquele homem. Os mais corajosos tem membros decepados. As prostitutas correm e passam pela fileira de sal. Estarão seguras lá fora, exceto pelo guardião que continua em pé, estático em seu posto.

Como uma máquina mortífera, Spadoni desfere golpes até o último demônio cair no salão. Mas ele sabe que ainda resta mais um escondido atrás do balcão: o *barman*.

O padre caminha lentamente. Seus passos são leves e não causam ruídos. Ele sangra e seus braços estão cobertos por ferimentos, mas a dor é o gás necessário para fazê-lo ainda mais furioso.

— Saia do teu esconderijo, demônio maldito. Chegou o dia em que retornará para tua morada, bem ao lado de Samael, lugar do qual nunca deveria ter saído — esbraveja Spadoni.

Mas ele, experiente caçador de demônios, servo de Deus, também erra e seu excesso de confiança quase o faz perder a vida, não que ele dê valor à ela, mas simplesmente pelo fato de errar depois de mais de quarenta anos enfrentando o mal.

BUUUMMM!!!

Ele sentiu o calor da bala calibre 12 passar próxima ao seu olho esquerdo.

Para ele, demônios não usavam armas, pelo menos até segundos atrás. O *barman* estava pronto para dar o segundo tiro e provavelmente não erraria.

Tempos modernos, pensamento humorado e inoportuno para àquele momento que exige uma rápida ação.

Spadoni atira sua pequena adaga de prata e perfura o olho direito do demônio. Ela não estava benzida, mas foi tempo suficiente para alcançar e retirar a arma do atirador.

A espingarda é jogada no chão.

Spadoni recoloca a sua espada em seu suporte.

O *barman*, sangrando à sua maneira, continua em pé e sem ação.

1,2,3,4,5,6,7,8,9. Esta é a quantidade de vezes que Spadoni bateu a cabeça do demônio no balcão, até ela deixar de ter uma forma definida.

Sim, por incrível que pareça, *eles* também possuem cérebro. Mas Spadoni já sabia disso.

Ele pega a arma no chão, uma espingarda com o cano serrado, e caminha desviando dos corpos no chão e vai até a porta de entrada, que está aberta.

Spadoni verifica rapidamente a situação e nota que o guardião está com as seis prostitutas presas, sendo três em cada um dos seus poderosos braços.

Parece que o demônio vai tentar negociar com o padre a soltura delas...

— Padre desgraçado, posso soltar cinco delas, mas levarei uma comigo, mas tenho algumas condições. Eu...

BUUUMMM!!!

Esta noite o padre fez algo inusitado: usou pela primeira vez uma arma de fogo. E se deu muito bem.

O guardião errou em tentar negociar, pois Spadoni nunca negocia com demônios.

As garotas estão salvas e não tem tempo em agradecer ao padre. Elas correm desesperadas, exceto uma que caminha lentamente olhando para o chão.

Spadoni está acostumado com isso: os heróis reais são bem diferentes dos heróis dos quadrinhos e dos seriados da tevê. Não existem mocinhas que se jogam em seus braços, não que ele queira isso, pois fez voto de castidade. Mas um obrigado de vez em quando seria bom.

As dezenas de cicatrizes espalhadas pelo seu corpo clamam por isso.

Mas ele mergulha mais uma vez na solidão e caminha entre as sombras até chegar na porta dos fundos da sua igreja. No ofertório,

o padre retira um bilhete amassado. Ele sabe que ali está o endereço do próximo local que deverá visitar. Ao longe ele consegue visualizar o informante de costas e com um capuz sobre a cabeça, que sai apressado.

Spadoni não sabe quem ele é. Podem ser anjo ou mesmo um demônio aliado. Ele só sabe que as informações chegam até ele sempre desta maneira: num bilhete amassado que é colocado todas as noites no ofertório da sua igreja. De qualquer forma, àquele informante sabe que ele é um caçador de demônios e que está neste planeta apenas para combatê-los.

Quantos mais existem neste mundo? Quantos caçadores arriscariam a sua vida no anonimato para proteger outras vidas? Indagações que ficam sempre no vazio...

Ele verifica o local que deverá visitar e nota que não é tão longe dali. Um prédio residencial aparentemente comum.

Hoje ele está cansado e ferido, mas não lhe falta coragem para morrer. Enfrentar demônios sozinho é um trabalho arriscado e insano. Mas isso já se tornou num vício. É como um alcoólatra que diz que vai ingerir seu último copo com água ardente, mas que no dia seguinte repete a mesma promessa. Spadoni só pensa nisso: caçar demônios. Caçar demônios. Caçar demônios... Sua mão fica trêmula quando passa um dia sem o seu ofício. Parece que lhe falta ar ou que algo está errado e fora do lugar. Ele se sente completo quando sai às ruas e chega ao seu local de destino. E cada cicatriz em seu corpo corresponde a um prêmio que carregará consigo até o último dia da sua tortuosa vida.

Ele se esquece constantemente que é um servo de Deus. E quando isso acontece, ele segura com firmeza o crucifixo que carrega no peito, símbolo daquele que morreu para salvar a humanidade, um dos maiores caçadores de demônios que já existiu: Jesus Cristo.

Isso injeta óleo em suas engrenagens desgastadas. Ele caminha mais rápido, mas mesmo o local sendo próximo, parece que seus largos passos nunca chegam ao seu local de destino.

Ele está ansioso e acabou se esquecendo de ingerir os seus comprimidos. E isso não é nada bom.

A fúria toma-lhe o corpo e o possui de maneira devastadora.

Número 222. Spadoni nota estranhas inscrições e símbolos acima da porta de entrada do prédio. Embora seja uma língua semelhante, não é aramaico.

Spadoni entra. Não há ninguém na portaria e o silêncio absoluto o preocupa, pois demônios são barulhentos e desordeiros. Mesmo assim ele caminha pelo corredor central em busca de alguma pista. O luxo está por toda parte e obras de arte estampam as paredes. Spadoni notou que todos àqueles quadros pertencem a um único artista e verifica com assombro um deles.

— William Blake é o autor destes quadros. Este do qual você tanto olha é “O grande dragão vermelho e a mulher vestida de Sol”. Blake foi o único ser humano que conseguiu ver a real aparência de nós demônios. Este retratado no quadro é o meu parceiro Paimon — disse Berith ao padre que já está com sua espada em mãos.

— Demônio maldito, não sabia que vocês também gostavam de arte. Mas isso irá durar pouco tempo, pois logo o mandarei de volta ao inferno — esbraveja Spadoni num mar de fúria.

— Em sua cabecinha humana você acha mesmo que poderá nos enfrentar para sempre? Quantos anos mais você viverá? É claro que você não sabe, mas eu sei, mas não vou te contar, só digo que estou na Terra há milênios e nenhum outro caçadorzinho foi capaz de fazer eu retornar ao inferno. Paimon!

Quando Spadoni percebe que não está só com Berith, já é tarde. Paimon derruba a sua espada com um único golpe do seu braço esquerdo, o segundo foi um soco duro e seco em seu queixo. No chão e completamente atordoado, ele cospe sangue, além de alguns dentes. Outros demônios chegam e o cercam. Desarmado, Spadoni começa a gargalhar. Ele sabe que algo está errado e que os comprimidos que não ingeriu são os malditos culpados.

— Berith, esse padre é louco? — pergunta Paimon.

— Não, Paimon, aqui na Terra eles chamam isso de transtorno bipolar. Fora isso, ele não tem medo da morte e falta-lhe alguns parafusos. Mas a gente pode fazer ele sofrer... bastante! — Berith cruza os braços e ordena para que Paimon faça o que ele faz de melhor.

Paimon se joga e cai de joelhos sobre as costelas de Spadoni. Som de ossos se quebrando. O padre coloca as mãos sobre o peito e dá um longo suspiro, para depois gargalhar ainda mais. Vidros são estilhaçados no chão. Os demônios rasgam a batina do padre e retiram a sua camisa. Paimon o arrasta pelos cabelos sobre o vidro deixando um rastro de sangue.

Spadoni, quando tem essas crises, se esquece de quase tudo, até de quem ele é. E quanto mais Paimon o arrasta sobre o vidro, mais ele sorri. A pequena garrafa de água benta em seu bolso é quebrada. A adaga de prata presa no cinto é inútil, pois ele nem sequer se lembra que ela está ali.

— Pare, Paimon, isso não vai adiantar. Vamos ver se ele vai continuar sorrindo depois do que faremos com ele. Sente-o na cadeira e retire os seus sapatos. Depois me dê um martelo.

Geralmente Berith apenas comanda, mas desta vez ele será o torturador. Ele chega próximo ao padre, que mesmo com os olhos lacrimejando, continua sorrindo. Levanta o martelo acima da sua cabeça e o desce com velocidade até atingir um dos dedos do padre. Esmagado.

Spadoni urra e cospe sangue, mas o que ele pronuncia em seguir é difícil de compreender. Berith encosta o seu ouvido na boca do padre para ouvir melhor.

— Ainda... ainda... ainda faltam nove dedos... hahahahahahaha.

Em milênios, nenhum daqueles demônios jamais viram Berith tão furioso. Ele pega a espada do padre e está pronto para desferir o golpe que irá separar a cabeça de seu corpo. Spadoni olha para cima e vê no teto uma forte luz se aproximando.

Seria a luz da qual tantas pessoas falam quando estão à beira da morte?

Um estrondo faz Berith deixar a espada cair. Ele não previu isso, pois perdeu a concentração com o padre. Um opala preto e com os faróis altos arreventou a porta da entrada e invadiu o salão do prédio.

Todos ficam estáticos quando uma jovem garota de cabelos curtos, meia-calça preta rasgada e coturnos, salta do veículo com duas armas em punho.

Ela tem uma ótima mira e os demônios vão tombando, um a um.

Berith foge com Paimon, pois acabou de prever que o seu futuro não será nada bom, caso continue no prédio.

— Acabou, padreco, não restou nenhum, a não ser os dois covardes que fugiram. Apóie-se em meu ombro e vamos sair daqui — Spadoni se levanta com dificuldade e começa a se recordar do que ele realmente foi fazer ali. Ele segura o seu crucifixo e olha para a garota.

— Eu... eu a conheço... Você não é uma das prostitutas que estava lá no bar com os demônios?

— Sim, padreco, e você acabou com tudo. Minha intenção era explodir àquele lugar e mandar todos de volta para o inferno. Mas você chegou e adeusinho plano.

— Então... você também é uma caçadora de demônios?

— Não, sou teu anjo da guarda. É claro que sou uma caçadora de demônios. E muito bem precavida e com balas benzidas em água benta. Agora vamos sair daqui antes que a polícia baixe por aqui. Vai ser difícil fazê-los entender e acreditar que esse monte de traste são demônios.

Spadoni olha para a garota e descobre que nem tudo está perdido. Pelo menos por enquanto...

CONTINUA NO PRÓXIMO MÊS EM “LAILA E OS CAÇADORES DE DEMÔNIOS”

Ademir Pascale é Editor da Revista Conexão Literatura. Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’Ailleurs. Publicou pela Editora Draco “O Desejo de Lilith” e “Caçadores de Demônios”. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. E-mail: pascale@cranik.com. Facebook: Ademir Pascale. Twitter: @ademirpascale.

DIONE MARA SOUTO DA ROSA

Sétimo Portal

O Sétimo Portal

Dione Souto Rosa

Poemas escritos sob a modalidade de versos livres, sem obedecer à métrica ou versificação. Poesia romântica e leve, que traz a fluidez da música, o perfume das rosas e a emoção dos sentimentos. Destila paixão e magia pelos versos que formam uma unidade: a dos sete portais. No "Sétimo Portal" os desafios são vencidos e o amor verdadeiro se faz presente, curando todos os males e suavizando todas as dores. A poesia, por fim descansa no jardim de rosas...

Era mesmo você?

Ontem encontrei você,
Era criança.
Uma borboleta colorida de paixão
Espiaava uma rosa vermelha,
Perfumada de primavera.

Um pássaro voava longe,
Na minha imaginação.
O mar marulhava
Canções de amor,
Enquanto eu chorava...

Era mesmo você?
Aonde buscaria semelhante amor?
Numa tarde de outono,
Num bosque verde,
Nas ondas do mar...
Folhas mortas ao vento...
Fim de verão...

Das noites intermináveis,
Plenas de solidão,
Ouvindo Clair de Lune
(enquanto chovia lá fora)
Adormeci no cansaço da tristeza...

...

Livro à venda diretamente
com a autora:

E-mail: dirosa19@yahoo.com.br

Por Misa Ferreira

A Cor da Morte

D Áurea, D. Áurea, seu Amâncio morreu! Como morreu, criatura? Está louca?

• Respira fundo, minha filha, senão você é que vai morrer já, já. Me conta, antes senta aqui um pouco, calma, calma, toma um pouco d'água, devagar. A moça simples arfava o peito e se abanava com a mão. Mal tomou um gole e já falava atropeladamente. Foi agorinha, ele tava bom, até atendeu de manhã, aí foi pra casa pra almoçar, falaram que nem na mesa sentou, no meio da cozinha teve um ataque e caiu fazendo um estrondo. D. Áurea persignou-se e tratou de procurar ela uma cadeira porque começou a sentir um aperto no peito, uma falta de ar. Tá cheio de gente lá, já chamaram o médico, mas acho que não tem jeito não, ele morreu mesmo. D. Áurea suspirou fundo e começou a empilhar os moldes, os tecidos, as tesouras e linhas porque trabalhar seria impossível. Estava de luto.

Como morreu? Como? As pessoas estão vivas e de repente morrem. Mergulhada nas mais elevadas filosofias, já pensava nos instrumentos de dentista que haviam ficado em cima da mesinha e que não seriam mais usados pelo falecido. Pensou no franguinho delicioso que a mulher sabia preparar e que Seu Amâncio nunca mais comeria. Pensou na viúva, sua amiga, pensou no susto que teria sido aquela morte bruta e abrupta. Desde que fizera sessenta anos, D. Áurea passou a pensar mais na morte, mas nunca se acostumava com ela, como toda a humanidade, certamente. E quem é que se acostuma? Só se a gente morresse mais de uma vez, até cansar. Aí sim, talvez fosse possível se acostumar. Ficou olhando para a Tonha, sua empregada boa e simples que fazia o café e balançava a cabeça a todo instante, como quem não se conforma com alguma coisa. De vez em quando, Tonha falava sozinha, não sabia que também sabia filosofar. Dizia, é, a morte só existe para quem fica. Depois soltava outra frase, vai quem vai, feijão no fogo pra quem fica.

Mais de tardezinha, D. Áurea vestiu-se de preto e foi para a casa da viúva onde Seu Amâncio era velado.

Primeiro procurou pela amiga, a viúva, que chorava sem parar. Molhara já tantos lenços e sempre aparecia outro que alguém providenciava, mais outro, e as lágrimas chegavam profusas para aliviar a dor. Não acredito, D. Áurea, não acredito, como é que pode? Levantou igualzinho faz todos os dias, não clamou de nada, de nenhuma dor, rimos, falamos da chuva que agora deu trégua, falamos da mangueira que já tem manga, de visitar minha mãe lá em São Paulo. E a viúva falava e chorava.

Depois de consolar a amiga, D. Áurea chegou perto do caixão, com respeito, devagar. Lá estava o Seu Amâncio, agora morto. Mas não parecia um morto. Não tinha aquela cor da morte, aquela cor de quando a vida vai embora. Ele estava só dormindo, podia jurar que sim. Só que não respirava, isso não. D. Áurea ficou sentada lá perto e não tirava o olho do falecido porque tinha certeza de que morto ele não estava. Isso não é cor de morto, este homem está vivo, deve ter tido um daqueles ataques de nome complicado, aquele estado em que a pessoa fica impossibilitada de respirar ou piscar, como se fosse um coma.

E mais tarde, D. Áurea voltou para passar algumas horas da noite no velório. O homem estava do mesmo jeito, sem cor nem jeito de morto. Ela tentou abordar a questão com uma conhecida, mas não obteve sucesso. Imagine! Disse a mulher, claro que está morto, não respira! Ora, que ideia, D. Áurea! E de manhãzinha foi feito o enterro. De noite, todo mundo estava exausto, todos foram dormir. D. Áurea também. Fez suas orações, rezou pelo falecido e dormiu. Sonhou que estava enterrada viva, sentia falta de ar. Acordou ansiosa, puxando o fôlego. Lembrou-se do amigo dentista. Levou um tempo para deitar a cabeça no travesseiro. O sono chegava inclemente. D. Áurea lutava para permanecer acordada com medo de sonhar outra vez, e apenas um pensamento ecoava em sua mente ... aquela cor não era de morte ...

Maria Luiza (Misa Ferreira) é bancária aposentada. É formada em Letras e pós-graduada em Literatura. Depois de aposentar-se descobriu o prazer de escrever contos e crônicas. Já escreveu os livros: “Demência, o resgate da ternura” e “Santas mentiras”. No momento está trabalhando para a publicação de um livro infantil já pronto. É articulista de um jornal local. E-mail: misachief@gmail.com.



Participe
do
Sorteio!

E concorra ao
livro autografado

Veja as regras em:

sorteiefb.com.br/tab/promocao/531729

Promoção válida até o dia
31/03/2016

Por Zoraya Cesar

Beladona

O Jornal dos Aposentados tinha uma seção de classificados amorosos e o anúncio era bem objetivo:

“Procuro um homem sério, acima dos 60, para namorar, viajar, ficar junto. Sou aposentada e independente, não preciso de arrimo financeiro, só companhia. Se você está sozinho, escreva para caixa postal 22314.”

Antonio não tinha nada a perder, mas, talvez, a ganhar, pois mulheres aposentadas costumam ser muito carentes; essa, então, devia estar desesperada, para colocar anúncio em jornal. Encontraram-se num pé-sujo perto do Mercado de Madureira, tão escondido, que até ele, freqüentador de botecos, teve dificuldade em chegar.

Baixa, gorda, usava um vestido estampado em cores berrantes, e óculos de lentes grossas com aros pretos que lhe davam um certo ar de coruja desesperançada, realçado pelos cabelos curtos e espetados. Não era, definitivamente, bonita, e parecia ter bem mais que 60 anos. Que droga, pensou Antonio, vai ser duro de encarar, tomara que ao menos tenha algum dinheiro pra compensar.

Não que Antonio fosse algum Apolo, com suas roupas simples, a semi-careca, as unhas mal cuidadas. A mulher, no entanto, foi logo dizendo que bom que você respondeu, adoro conversar, passear em parques, faço jardinagem, conheço muito de plantas e ervas, e continuou a falar sobre a casa com quintal, o cachorro da vizinha que latia a noite inteira, mas, felizmente, morrerá... Que mulher mais chata. Feia e chata era de matar. Antonio resolveu cortar o fluxo interminável e perguntar-lhe o nome:

— Beladona, Marlúcia Beladona. Significa bela mulher em italiano.

Antonio engasgou uma risada, era ironia demais num corpo só. Feiadona, isso sim, pensou ele, ao mesmo tempo que engatilhou uma velha e batida resposta:

— O nome lhe cai bem! - Antonio não fazia ideia do quanto estava certo.

Conversa vai, conversa vem, Antonio concluiu que se jogasse direito poderia tirar alguma vantagem da situação, Marlúcia parecia bem de vida e tinha casa própria. Foi com essa expectativa que ele aceitou visitá-la no dia seguinte, desde que ela pagasse a passagem.

O lugar era ermo, mas a casa, simpática. Marlúcia fez questão de mostrar todos os aposentos e foi no quarto que, para o horror, horror, horror de Antonio, ela tirou a roupa e tentou seduzi-lo. Pensando nas vantagens de namorar uma mulher com casa própria e aposentadoria melhor que a dele, Antonio deitou-se junto dela, mas não chegou nem às preliminares, ela é feia demais, pensou. E mentiu deslavadamente, dizendo que gostara muito dela, queria um relacionamento sério, mas não estava se sentindo bem, não era jovem, essas coisas que um homem diz quando quer enganar uma mulher.

Deus sabe como Marlúcia teria apreciado uma simples carícia. No entanto, ela apenas correu a preparar-lhe um chá, imagine se ia deixar o namorado passando mal. Ai, meu Deus, resmungou Antonio para si mesmo, o tribufu é romântico, Deus me livre de beijar essa jabiraca, mereço coisa melhor. Decidiu que pegaria um dinheiro emprestado (afinal, eram namorados!), tomaria o bendito chá e nunca mais apareceria.

Antonio continuou seu teatrinho, gabando a inteligência e doçura dela, como se tivesse, realmente, assumido um compromisso.

— Você me achou feia? Você vai me procurar de novo?

— Que feia que nada, amor, eu é que estou um caco, mas da próxima vez até as paredes vão gritar. - Certo tipo de homem crê que toda mulher carente é, também, estúpida.

Ela serviu o chá.

Mal ele tomara o último gole, Marlúcia — que nada bebera — aconselhou-o a ir embora, pois estava ficando tarde, a região era meio insegura. Ele ainda teve o descaramento de garantir que

telefonaria no dia seguinte, mesmo não tendo a mínima intenção de fazê-lo.

Assim que ele saiu, Marlúcia calçou luvas e, cuidadosamente, lavou a louça e queimou a folha e as frutinhas — muito semelhantes a mirtilo —, que serviram de base para a infusão oferecida a Antonio. Mais um que me rejeita porque sou feia, mais um que me despreza. Mas agora será menos um a machucar meus sentimentos, menos um a me enganar... Essa cantilena amargurada durou ainda muito tempo e, então, Marlúcia começou a rir.

“Beladona” é mesmo um nome perfeito para mim, pensou, igualmente mortífera... e ria, ria de se acabar. Num rasgo de generosidade, até

desejou que Antonio tivesse alucinações agradáveis antes de partir dessa para melhor.

Os inquéritos ainda restavam inconclusivos, mas o veterano investigador Felipe Espada não acreditava em coincidências. Era o terceiro homem encontrado morto aquele ano, com o rosto retorcido, os olhos arregalados e a pele extremamente seca. Pesquisando, encontrou outros pontos em comum entre os três homens: tinham mais de 60 anos; eram solitários; assinavam o Jornal dos Aposentados.

Algumas semanas depois do ocorrido, Marlúcia recebe uma nova mensagem na caixa postal. Um tal Felipe Espada queria marcar um encontro. Ela aceitaria tomar um chá?

*Publicado originalmente no cronicadodia.com.br

Zoraya Cesar é carioca, escritora de contos curtos, de temática policial, urbana e sobrenatural, publicados, originalmente, no blog cronicadodia.com.br desde 2011, e também no Jornal de Caruaru (<http://www.jornaldecaruaru.com.br/>).

Seu conto *A Amante*, foi adaptado e radiofonizado em formato de novela pelo Núcleo de Dramaturgia das Rádios EBC, e levado ao ar em 7-6-2014. Em 2014, lançou o e-book *A Viúva e outros contos*. Algumas das histórias desse livro foram, posteriormente, recomendadas e publicadas na Revista Real, no blog Clube de Contos e na Revista Brasil Literando. O conto *Biografia não autorizada* foi traduzido para o alemão e publicado na coletânea *Grenzelos*, da Arara Verlag.

E, por fim, lançou, esse ano, o audiobook *O Porteiro e outros contos urbanos*, pela Tocalivros, com narração da própria autora.

Facebook: Zoraya Cesar Escritora

Twitter: @ZorayaEscritora

Google + : zoycesar

**PARTICIPE
DO
SORTEIO!**

O ABOMINÁVEL
Dr. ZOLA

E concorra ao
livro autografado

Veja as regras em:

sorteiefb.com.br/tab/promocao/532375

Promoção válida até o dia
06/04/2016

Por Ricardo de Lohem

Um Presente Para Edna

Foi um dia chato na vida chata de Edna. Fazer coisas sem graça só pros outros ganharem dinheiro. Quando termina o expediente, ela quer mais é esquecer que trabalha, esquecer que existe. Primeiro passo no caminho do autoesquecimento: beber. Ela vai direto pra um bar não muito longe do trabalho, e começa a atacar o copo com fúria predatória. O segundo passo para o autoesquecimento: repita o primeiro passo. Ela seque à risca os dois passos, e descobre rapidamente que quem esquece de si, pode acabar lembrando que existe uma coisa chamada felicidade. Terceiro passo no caminho do autoesquecimento: encontre alguém que também esteja em busca do autoesquecimento e esqueça de si mesmo com essa pessoa, enquanto ela esquece dela mesma com você.

Edna está sentada distraída, quando vê ele sentado sozinho no bar. Um homem bonito e simpático. Ela faz todos os ruídos corporais socialmente aceitos para chamar a atenção dele, e acaba conseguindo.

O homem sorri. Edna devolve o sorriso. Ficam mais de uma hora que eles nesse jogo de olhares. A moça fica toda satisfeita: pensou que seria ia só tomar umas cervejas antes de ir pra casa, e recebe um presente desses da vida: alto, moreno, bonito. Um olhar de macho

conquistador que brilha na penumbra do bar como duas pérolas negras.

Depois da azaração à distância, ele vem e senta na mesa dela.

“Posso sentar aqui?”

Pode. Claro que pode. Deve. Ele diz que se chama Aécio. Bonito nome, significa águia em grego. Ela não sabe isso, mas não importa, gosta do nome do mesmo jeito. Eles jogam conversa fora. Fazem bem em jogar fora, porque aquela conversa não servia pra se guardar; somando tudo que disseram, dá zero de conteúdo. Logo Edna está gargalhando. Ele fala muita besteira, tem mulher que adora. Logo começam os toques. Primeiro de leva, depois segurando as mãos. Finalmente as mãos vão pra baixo da mesa, atrás de outras parte.

O homem está vestido com elegância, exceto por um detalhe: o chapéu. Ele usa um chapéu estilo detetive de filme noir dos anos 50. O estranho chapéu contrasta com o resto de sua roupa, bem moderna. Ela estranha aquele chapéu, e, em meio às nascentes carícias, tenta retirar o adereço. Ele gentilmente afasta a mão dela. Ela tenta, mais duas vezes, ele gentilmente afasta a mão dela. Melhor não insistir, vai que ele se chateia e vai embora.

Começa a fase dos beijos: começam rápidos e leves, depois vão ficando cada vez mais fortes e persistentes. Quando ela já está tonta de álcool com desejo, ele propõe:

“Motelzinho?”

Só pra conversar melhor. Não precisa acontecer nada, nadinha mesmo. Sei. Então tá. Saem do bar, e lá se vão. Andam pela rua rindo, se agarrando se nenhuma vergonha, freios corroídos pelo álcool. Não precisam andar muito, logo acham unzinho barato. Caro pra quê? Só precisam de cama, quatro paredes e um banheiro.

No quarto, tiram as roupas um do outro, arrancam com selvageria. Ela tenta tirar o chapéu, ele afasta as mãos dela – pelado com chapéu?

Eles ficam nus, ou quase, já que o chapéu continua firme no mesmo lugar. Seria ele um boto? O jeito é aceitar o fetiche. Edna não tenta mais tocar na cabeça dele, todos tem seus limites, suas regras, convém respeitar, ganhamos muito mais não ultrapassando as barreiras alheias do que forçando a entrada.

Ele aparece com uma corda que tirou de uma mochila que tinha nas costas. Veio bem equipado. Arriscado aceitar isso, e se fosse um maníaco, quisesse matar? Edna não se importa, nem pensa. Logo está amarrada na cama, o resto da noite ele comanda.

###

Edna acorda no dia seguinte com a felicidade dos que comeram até a extrema saciedade. As cordas sumiram, Aécio também? Em cima da cama, uma caixa com um bilhete grudado na tampa com fita adesiva.

Um presente para Edna

Ela abre a caixa, dentro um espelho. Se olha, que moça bonita. De repente, nota algo errado. Seu rosto. Parecia normal, mas agora ela vê que ele mudou. A imagem do rosto de Edna termina logo acima das sobrancelhas. Não há quase testa, ou topo da cabeça visível. A moça se examina no espelho e constata, chocada, que seu crânio diminuiu.

Edna solta um grito, derruba o espelho na cama. Dentro da caixa, outro bilhete? Ela abre e lê:

Bem-vinda ao Mundo de Zika

Ricardo de Lohem Dania Pedroza nasceu em São Paulo, Capital. É escritor, dedicado ao gênero ficção científica, e biólogo, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Em 2014 lançou seu primeiro romance de ficção científica: Kaunan - O Homem Lagarto. Hoje se dedica a escrever contos e preparar seu próximo romance.

E-mail: ricardo.de.lohem@gmail.com. Facebook: Rich Dan.

Por Wagner S. G. Azevedo

Encontros e Desencontros

Em algum lugar do litoral brasileiro, ano indefinido...

A escuridão da mata fechada não assustava Eçauna. Ela era filha da mãe água e do pai vento, guerreira e corajosa. Moça ainda, só quinze primaveras mas ágil e curiosa como a onça pintada, deixava mãe e pai na tribo de cabelos em pé. Gostava de sair para pescar à noite, sozinha, pois sabia que assim conseguiria mais peixes e teria menos bocas para dividir o prêmio.

Naquela noite de lua cheia, como de costume saiu só. O corpo nu roçava na grama alta enquanto corria em disparada até o mar. Sentiu a areia fina e gelada do sereno na planta e no peito dos pés. Lá em cima, a luz da lua banhava seu rosto de menina danada.

Decidiu admirá-la. Sentou na areia fofa e fitou o horizonte, a linha divisória entre o céu e o mar e a brisa suave a acalmaram. Fechou os olhos para aguçar os outros sentidos e aproveitar o que a vida lhe oferecia de bom. Os peixes não perdiam por esperar, pensou ela.

Não entendia como Tupã havia feito tudo aquilo, só para ela e sua tribo, mas agradecia assim mesmo. Tupã era bravo às vezes, e soltava fogo e água em cima deles também. Mas isso logo passava e os pássaros voltavam a cantar na porta da sua oca na manhã seguinte.

Seu irmãozinho Kurumi, um dia sumiu e a mãe chorou e rezou para Tupã por dois dias, até que o pai o achou sentadinho perto de um lobo guará. Estava chorando de fome, mas inteirinho. Foi Tupã quem cuidou dele, ela sabia.

Queria um cachorrinho, e ia pedir também para Tupã. Sabia como é que tinha que fazer. Era só fechar os olhos e...

“Trovão” – ia chover. Outro trovão. Abriu os olhos e se levantou para correr da chuva. Olhou em direção ao mar e viu um clarão, junto com mais outro trovão. Um clarão gigante. Parecia até que acenderam um monte de fogueiras na beira do mar. Uma lufada de ar quente lambeu seu rosto, assustando-a.

Mas curiosa que só ela, não arredou pé. Achou que alguma estrela tinha caído na água e se desesperou. E se as outras estrelas também comessem a cair? Pensou em correr e chamar pai, mas parece que viu alguma coisa.

Viu! Viu sim. Era um...

Um não. Mais um e mais um...Homens, e estavam chegando perto dela, e mais perto, e mais perto, só que ela não conseguia mais correr, nem se mexer. Estava paralisada de medo e de excitação. Quem eram aqueles? Não eram da sua tribo. E por que não estavam nus? Se todos que ela conhecia não se tapavam, a não ser no frio com alguma pele? E o que era aquela bola em suas cabeças? E aquelas peles de animais brancos e brilhosos coladas aos seus corpos?

Os três homens se aproximaram. Lá atrás, na água, o trovão metálico soltava fumaça. “Eles saíram da barriga do trovão!”. Eçauna estava zozza, apagando.

Um dos homens se aproximou. Lá dentro da bola em sua cabeça, Eçauna viu um sorriso. Sorriu também. Tudo escureceu.

Pai achou ela dois dias depois no mesmo lugar. Não lembrava de nada. Nem do trovão, nem do clarão, nem dos homens cobertos da cabeça aos pés.

Na aldeia, todos estavam preocupados. Eçauna estava de volta, mas sua cabeça parecia vazia. Parou de correr e pescar, e passava horas olhando para o céu. Mãe perguntava onde ela tinha ido, o que tinha visto, mas ela não lembrava de nada.

Pai voltou na praia onde a encontrou e foi com o cachorro mais esperto da aldeia. Ele cheirou tudo por ali, mas não farejou nada de mais. Pai estava intrigado, mas sabia que sua filha era meio maluca e que o seu sumiço podia muito bem, ser mais uma de suas traquinagens. Foi embora e não viu à dez metros de onde parou, estranhas pegadas gordas e riscadas na horizontal, como patas inchadas de onça. Todas terminavam perto da beira da água.

Alguns dias depois, mãe correu para acudir Eçauna, que estava vomitando sem parar. Pajé veio com ervas que curam, mas não teve precisão de usar. Logo que entrou na oca e viu a indiazinha pálida deitada na esteira, concluiu. Ela ia ser mãe.

Pai foi atrás de um por um dos homens da tribo, mas nenhum deles havia dormido com sua filha. E só havia eles por ali. Foi quando Pajé o advertiu de que a filha, mesmo de barriga, ainda era menina virgem.

Pai não entendeu nada.

Mãe tentava de toda maneira entender, mas Eçauna de nada se lembrava ainda, por mais que quisesse. Pai queria expulsá-la, mas mãe a defendeu e

conseguiu que ela não fosse abandonada, graças ao Cacique, que vendo toda aquela briga, intercedeu.

Disse para mãe e para pai não se preocuparem, pois aquela barriga não era de ninguém da tribo, e muito menos de alguém do chão. Ele contou uma velha história que sua avó contava, e que a avó dela contava para ela, do homem da lua que vinha namorar as mulheres da aldeia. Dizia a anciã, que ele caía do céu e saía de dentro do monstro de fogo. O Cacique disse que ele mesmo passara muitas noites acordado, imaginando como sua avó sabia de tudo aquilo. E agradecendo à Tupã por ter nascido homem.

Pediu para mãe e pai não se incomodarem. A criança filha do homem da lua era bem vinda.

Meses depois, Eçauna pariu um lindo menino de pele bem mais clara. Algumas mulheres comentavam e riam, mas ela não se importava. Muitos trouxeram peixes, caça, ervas e raízes fortes, presenteando aquele que era filho das estrelas.

Eçauna era só carinho com o menino e decidiu chamá-lo de Jurandir. Ela o levava em suas caçadas e pescarias, e também nos seus passeios em noite de lua cheia. Ele observava tudo e corria para os braços dela, cobrindo-a de beijos. Tudo era harmonia.

Uma noite, quando Jurandir tinha sete anos, pai, mãe e Eçauna perceberam que ele falava de maneira estranha. Seus olhos estavam esbugalhados e ele desenhava figuras assustadoras na pedra do chão da oca. Eçauna se aproximou dos desenhos e reconheceu a estrela caída. Ela se assustou e agarrou o menino para protegê-lo do desconhecido.

Foram dormir, mas naquela mesma noite, ninguém percebeu o clarão vindo lá de fora. Nem o barulho do trovão. Nada.

No dia seguinte, Eçauna gritou tão alto como nunca tinha gritado antes. Mais alto até do que quando teve que fugir da jaguatirica.

Jurandir tinha desaparecido.

Durante dias e noites todos procuraram por ele, mas foi em vão. Cacique e outros guerreiros andaram muito pelas terras desconhecidas, mas nem sinal do menino. Todos ficaram desolados.

Um dia, um guerreiro veio correndo avisar, que lá para os lados do rio Iguape, dois dias de caminhada, um monstro estranho foi encontrado. Todos foram até lá para ver o que era.

O monstro ainda soltava fumaça pelas ventas. Não era de palha, nem de pedra, nem madeira. Era cinza como dia de chuva. Cacique chegou mais perto e viu que a barriga do monstro estava rasgada, e lá dentro dela havia dois homens mortos, que ele devia ter devorado. Eçauna foi até lá na esperança de encontrar Jurandir, mas não encontrou o menino. Apenas os dois homens brancos como ele. Ela chegou bem pertinho e viu que um deles era muito parecido com Jurandir, muito mesmo.

De repente, tomou um baita susto. No meio da fumaça que saía de dentro do monstro, um dos homens gemeu e abriu os olhos, fazendo com que todos se aproximassem. Aquele homem, bem mais velho que ela, mas que em tudo, na pele, nos olhos, no cabelo, na boca e no nariz se parecia muito com seu filho, não estava morto.

Ela se abaixou e ergueu levemente a cabeça dele passando um pouco de água em sua boca. Foi o suficiente para que ele acariciando o rosto dela, e num imenso esforço, pronunciasse ao mesmo tempo em que rolava sua primeira lágrima:

- Mãe...Voltei!

Wagner S. G. Azevedo é autor de “Xavecando o Sucesso”; “Crônicas Cases e Causos Parte 1”; “Crônicas Cases e Causos Parte 2” e “Sombras do Velho Mundo” disponíveis em: www.clubedeautores.com.br, www.agbook.com.br e www.recantodasletras.com.br/escrivantina/ebooks/index.php. Também participa na coletânea de crônicas "Cronicidades" da Incult Produções e na coletânea de contos vampirescos “Beijo do Vampiro” da Sui Generis. Contatos: facebook: wagner silveira. E-mail: wagner.azevedo@serpro.gov.br.

Por Míriam Santiago

A Mulher de Negro

Foi logo na minha primeira noite no Porto que vi a mulher de negro, como passei a chamá-la nos dias que se seguiram de minha viagem. Ela se fez notar, não só a mim, que jantava no mesmo restaurante ao lado do hotel Quality Inn, na Praça da Batalha. Quando ela adentrava com seu traje (vestido curto) sempre negro e os cabelos soltos ao vento, causava olhares ao público masculino, principalmente a mim. Ela não era uma mulher linda, não senhor, não tinha um corpo escultural e nem altura que chamasse a atenção, muito pelo contrário, tinha os cabelos cacheados até o ombro, corpo que se via sobras na cintura, coxas grossas, enfim, nada diferente de tantas mulheres que desfilam diariamente pelos cantos do mundo. Porém, algo na mulher de negro mexia com o meu imaginário.

Recém-separado da namorada e em férias do serviço, o dinheiro economizado de horas extras de dois anos de trabalho me renderam 10 dias em Portugal. Confesso que o país nunca me atraiu, mas como dizem que pagamos pela boca por falar demais, eu simplesmente adorei a terra dos “patrícios”, paguei pela língua grande, pois desde o desembarque, fui me apaixonando, depois tem outra coisa, o mesmo idioma, povo hospitaleiro e culinária deliciosa.

Durante o dia andava pela cidade e conheci lugares maravilhosos, como Gaia, atravessando a ponte que corta o rio Tejo, do outro lado do rio. Também peguei o trem na estação ferroviária muito bonita e arrumada e fui conhecer Guimarães, local onde nasceu Portugal. Conversei com muita gente, pois sou bom de papo e assim pude curtir o máximo de lá.

Os meus dias e noites de turista seguiram-se desta maneira. Mas o que me deixou mesmo intrigado foi a tal mulher. Ao hotel, o pós-banho vinha acompanhado da melhor roupa e perfume, comprado exclusivamente para o “se rolar algo”. E assim

todo produzido eu ia jantar no mesmo restaurante (Tropical) para encontrá-la. Degustava sozinho bem devagar, sem pressa, à espera dela e em minha cabeça iam e vinham incansavelmente todos os pensamentos possíveis sobre ela, até mesmo os impróprios! Era um mistério a desvendar, eu não conseguia entender o porquê de toda aquela cobiça com tanta moça bonita pela cidade me dando bola. E quando ela entrava com seu traje negro, meu coração se alegrava.

A dama fazia tudo sempre igual: sentava-se no mesmo lugar, junto ao balcão, comia um mísero sanduíche, tomava uma taça de vinho e ficava de conversa com o garçom. Por vezes virava discretamente a cabeça para trás e passava os olhos rapidamente por todos das mesas. E por fim, despedia-se e partia! E num piscar de olhos, sumia em meio às pessoas que caminhavam na rua.

- Confesso a vocês, queridos leitores, que aquela mulher me deixou tentado, atrapalhando as minhas férias. Por mais que a presença dela mexesse comigo, eu não conseguia chegar até ela, não sei explicar, mas algo nela parece que a deixava “intocável”, uma mistura de interesse e medo. Hoje tenho clareza disso, mas na época desse episódio, com a cabeça sempre voltada ao sobrenatural, meus olhos e mente, percebiam algo sinistro na mulher de negro...

Pois bem, para tirá-la de meus pensamentos, resolvi mudar de restaurante. Saí do hotel e mal olhava para os lados para saber em qual deles eu iria jantar, eis que aquele vulto negro vem se aproximando, caminhando lentamente pelas ruas; parei na entrada do hotel e fiquei a observá-la: seu corpo mexia-se num rebolado lento, as coxas encostavam uma na outra a cada passo, na saia justa negra que ficava acima dos joelhos. Os cabelos sempre esvoaçantes por vezes iam ao rosto com o vento, e suavemente os fios eram retirados. Por

fim, ela adentrou ao restaurante, como de costume.

Não entrei, permaneci de tocaia onde estava. – Hoje irei segui-la. Tenho certeza de que isso pode me custar muito, mas mesmo assim, vou saber onde mora e o que ela faz ao deixar o recinto, - pensava.

E assim aguardei. Ela não demorou, em 40 minutos cravados no relógio pagou a conta e se despediu. Ao sair, disfarcei para que ela não notasse a minha presença.

E a mulher de negro seguiu seu rumo pela mesma rua em que chegou. Caminhando devagar, ela não sabia que estava sendo seguida.

Com o coração saindo pela boca de empolgação, e a mente, essa sim, me mostrava mil e uma histórias sobre a mulher de negro: uma vampira, sim, deve ser isso, pensava eu. E aí me veio a imagem dela com os dentes afiados e os lábios com sangue! Estremeci e comecei a suar! Amparei-me numa parede de um comércio até que respirei fundo e a cena desapareceu. Continue atrás dela.

A mulher entrava e saía de ruas, e passava por becos, alguns até escuros (se estivesse no Brasil, com certeza seria assaltado), mas em Portugal, seguiu! O destino não chegava nunca! E mais uma vez, a vi como imaginava ser o seu íntimo: loba, sim, ela com certeza e pelas formas arredondadas era uma loba! E num piscar de olhos a mulher de negro estava transformada e com mais de um metro e oitenta de altura. Daí não aguentei e desmaie...

... - Você? Gritei ao ver a mulher de negro sentada ao lado da cama onde eu

repousava. Onde estou e como vim parar aqui? O que fez comigo, ainda estou inteiro? Fui metralhando perguntas, as mais imbecis possíveis, é lógico.

- Psiu... fez ela sinal com o dedo na boca, para que eu ficasse calado. Você está em minha casa. Ao escutar o barulho e ver que você estava desmaiado, chamei ajuda, pois já estava aqui perto. Só queria saber por que me seguia. Vi você várias vezes no restaurante do Senhor Antônio e fiquei interessada, então resolvi voltar todas as noites pensando que você fosse se chegar. Mas nada aconteceu. Já tinha desistido quando percebi que você me seguia. – Disse Cláudia, sim, a mulher de negro falou seu nome e eu achei lindo.

Cláudia não tinha nada de sobrenatural, não voava e nem sugava sangue de ninguém, muito pelo contrário, era sim sugada pela atual condição financeira que se encontrava o país e com seu mísero e suado salário, conseguia sobreviver. Ao me apresentar a sua casa, de um cômodo, ela dormia na sala, pois a cama que eu ocupei por poucas horas, deitava a avó. Cláudia trabalhava o dia todo e a avó morava com ela. O único prazer que ela tinha era frequentar o restaurante do tal Antônio.

E assim nos conhecemos. Ficamos amigos e nos correspondemos por dois anos. E depois desse tempo, nunca mais nos vimos.

Nunca mais como amigos, porque nos casamos, é lógico! Ou vocês pensavam que depois de tanto diz que me diz iríamos ficar só nisso? E acabei me mudando para Portugal!

Miriam Santiago: jornalista - atua em Assessoria de Comunicação - e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados, porém, sua predileção é o fantástico. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta de escrever, ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/>
Contato: miriammorganuns@hotmail.com.

Por Neyd Montingelli

Aventuras de Felicidade

— Eduardo! Pode ler em voz alta para a turma a sua redação? — A professora chama por ele, mal ele atira a mochila no chão, ao lado da carteira.

Ele tira o caderno da mochila e preguiçosamente folheia até encontrar a página onde escreveu o texto. A turma escuta em silêncio. Aquele tipo de silêncio que deixa o locutor nervoso e as batidas do coração parece som de tambor de jogo de futebol.

— Muito bem Eduardo! Fez um belo trabalho.

— A professora elogia e os colegas riem.

Lembra da noite anterior, estava tentando escrever aquela redação com um avô nas férias que a professora pediu. Tudo por causa das datas comemorativas do ano. Mas não conseguia.

A folha em branco a sua frente parecia brilhar, tanto que seus olhos ardiavam. Sua caneta estava pesada e a cada palavra que tentava escrever os dedos doíam. Ele não conseguia escrever nada. Só a lembrança do avô morto o estava deixando nervoso. Deitou a cabeça sobre a folha e deixou os pensamentos correrem soltos até o dia anterior ao falecimento do avô.

Como aquele dia foi legal! Os dois sentados naquela pedra na praia, o sol gostoso de inverno, as ondas indo e vindo. Ficar sentado ali, ao lado dele, ouvindo o mar e rindo das piadas que o avô contava. E veio a noite e levou o querido avô. Companheiro de tantas brincadeiras, confidente, amigo. Por quê? Por quê?

Acordou com um braço a sua volta. Levou um susto. Olhou para o lado e viu o avô ali em pé. Como é possível? Esfregou os olhos e sentou-se direito na cadeira. Ele estava igual sempre.

Tentando olhar melhor sua cadeira tombou e ele quase caiu. Levantou depressa e olhando mais uma vez para os lados não viu ninguém. Envergonhado com a visão que poderia ter sido um sonho, sentou e imediatamente escreveu

sobre a deliciosa tarde que passou com o avô na praia.

Quando terminou, andou pelo quarto procurando vestígios da visita do querido avô. Querendo convencer-se de alguma coisa diferente da realidade. Sonho?

A manhã transcorre do mesmo jeito de sempre: monótona. A não ser pelas brincadeiras sem graça dos amigos, as horas pareciam grudar no relógio e os ponteiros não saíam do lugar.

Quando o sinal tocou pôde escapar da tortura de ficar enclausurado em meio aos pensamentos. Enfiou a alça da mochila no ombro e escapou das conversas de todo dia no portão da saída. Quase não conseguia abrir o cadeado da bicicleta de tão apressado que estava. Pelo caminho foi espantando os pequenos flashes de lembranças. Nem viu a tia Olga acenando do portão para entregar-lhe a costureira sacola de verduras. Nem viu o seu Osvaldo esperando na porta da quitanda para jogar-lhe uma mimosa. Muito menos ouviu o Tio Érbio dando o seu assobio de uirapuru para ele, enquanto lavava o carro velho que não anda. Mas, quando deu por si, estava chegando à pracinha defronte à casa do avô. Aquela da árvore gigante. Aquela da árvore do bilhete. Aquela da árvore dos dois. Não adiantava fugir. Ele tinha que enfrentar as lembranças.

Largou a bicicleta ao lado do banco de ferro e foi andando devagar até a árvore. O que afinal ele estava esperando? Por acaso o avô teria vindo ali de manhã e deixado um bilhete como todos os dias desde que ele aprendeu a ler? Era isso?

Ele não queria que as lembranças fossem embora. Apenas que elas escolhessem outra hora para aparecer. A última vez que esteve ali foi antes das férias. Fez o seu trajeto muito mais feliz, Ele queria saber qual a surpresa que o avô estaria reservando para as férias. Com o bilhete na mão, lembra de ler primeiro o poema que foi de Helena Kolody, o roteiro: os livros para

leitura, os restaurantes e os bairros que iriam conhecer. A música do Jay-Z para aprender a dançar foi um arraso. Naquele mês de julho ele teve as melhores férias de um menino de 11 anos podia ter na companhia do melhor avô do planeta.

E agora ele estava ali, na frente da árvore de novo. O que o esperava? Hora de voltar para a realidade. O buraco está ali. A ponta do plástico amarelo está aparecendo. O ar está faltando e seu coração está muito ocupado batendo alto para acordar o cérebro. Alguém tem que comandar este corpo! Está paralisado! Alguém tem que dizer para esse menino respirar! Ah! Lágrimas. Finalmente, os olhos fizeram alguma coisa e a mão dele foi mecanicamente até o

rosto limpá-las. Respirou e puxou o plástico amarelo.

O que Eduardo queria encontrar dentro do plástico? Recados do avô? Encontrou mais que isso.

Nas férias o avô mandou encadernar em forma de livro, todos os bilhetes que ele lhe escreveu e colocou na árvore desde os seus sete anos. O vovô Leopoldo sempre ficava com uma cópia.

Havia uma linda dedicatória para ele e a assinatura do avô. Ele sabia que ia morrer? Não, ninguém sabe. Ele apenas sabia que ia viver para sempre no coração de um neto.

O Livro? “Comandante Lepo-Lepo e seu companheiro Eduardo” — Aventuras de felicidade.

Neyd Maria Makiolka Montingelli - Nascida em Curitiba, casada com Tadeu Antonio Montingelli, mãe de 4 filhas e agora avó de um lindo netinho. Formou-se em Psicologia pela Universidade Tuiuti, mas durante sua vida, fez outros cursos, pós graduações e especializações conforme o trabalho ia exigindo. Trabalhou na Caixa Econômica Federal e por lá se aposentou. Teve um Laticínio e se especializou em queijos e derivados finos com o Leite de Cabra. Escreveu o primeiro livro em 2007, Culinária com Produtos Caprinos, o segundo foi um presente para a filha que ia casar e não parou mais. Os outros 60 livros são histórias do tempo de trabalho, da família e agora escreve contos e poesias. Site: www.neydmontingelli.com.br.

revista

Conexão Literatura

literatura num só lugar

Baixe nosso Mídia Kit:

www.fabricadeebooks.com.br/midia_kit.pdf

**Faça parte das nossas edições!
Saiba como patrocinar, anunciar,
ser entrevistado ou mesmo publicar
a sua crônica ou conto!
Escreva para: pascale@cranik.com**

Curta nossa Fanpage:



www.facebook.com/revistaconexaoliteratura

Acesse nosso site:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

uma parceria

